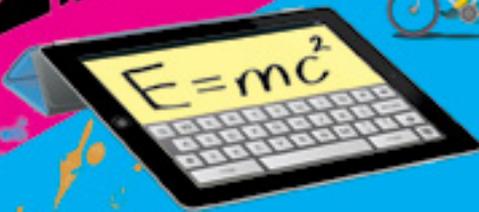


REVISTA Y
ANO 1 / NÚMERO 1
NOVEMBRO/2012
YMAG.COM.BR



JOVENS PROTAGONISTAS

ADMIRÁVEL MUNDO NOVO...
DAS PROFISSÕES

ENTREVISTAS COM:
Ozires Silva, Eduardo Shimahara, Gil Giardelli,
Mônica Mumme, Gisela Wajskop entre outros.

Aqui a felicidade vem do berço.

O Berçário do Colégio Objetivo Sorocaba acompanha há décadas o crescimento de bebês e suas famílias, através de uma história de carinho, cuidado, atenção e segurança que os transformaram em uma referência nacional no cuidado infantil.

Agende uma visita e descubra porque aqui a preocupação mais importante é também a mais comum: felicidade.

berçário
OBJETIVO
SOROCABA

gerações felizes
nascem aqui

F. 15 3332.9900
www.objetivosorocaba.com.br

Revista Y Ano I | No 1 | Novembro/2012

Conselho Editorial

Miguel Ângelo Thompson Rios

Luciano Cacace

Rafael Ribeiro

Jornalista Responsável: Mtb 35.254

Projeto Gráfico e Diagramação:

MonteCristo Creative

Ilustradores

Paulo Terzi Ito

Luiz Augusto Ribeiro

Leia a versão digital em: www.ymag.com.br

Contato: falecom@ymag.com.br

 **OBJETIVO** futuro sem limites
SOROCABA

Unidade Centro: Rua Arthur Gomes, 51.

Unidade Portal: Rua Romeu do Nascimento, 777.

Unidade Zona Norte: Av. Itavuvu, 4.115.

www.objetivosorocaba.com.br

Tiragem: 10.000 exemplares.

Direitos reservados.

É proibida a reprodução total ou parcial de textos e imagens sem prévia autorização.

Caro leitor,

É com satisfação que apresentamos o primeiro número da revista **Y**. Nós, aqui do **Objetivo Sorocaba**, imaginamos uma revista que possa apresentar discussões do mundo educativo e tendências socioculturais que contribuam com a formação de nossos jovens, o “Y da questão”. Essa é uma geração que nasceu em um ambiente de alta conectividade digital, direcionada para as transformações planetárias, menos ideológicas e mais pragmáticas, como poderemos notar ao longo de toda essa edição. Jovens com idade na casa da dezena, com projetos de gente grande, propondo transformações sociais, muito mais nas práticas do que nos discursos.

Em nosso primeiro número, demos ênfase às novas linguagens e ao protagonismo, não nos esquecendo de oferecer sugestões culturais para ampliarmos nossa formação. Linguagem, protagonismo e cultura, somados aos esportes, formam os eixos que norteiam nossa proposta educativa.

Como escola e agentes sociais, buscamos cada vez mais entender como as plataformas de comunicação interferem em nosso comportamento e cultura relacional. E não deixamos de abordar as diversas possibilidades multimidiáticas. Discutimos como o mau uso das novas mídias pode causar danos à privacidade e ao convívio social, como o preocupante e não menos relevante *Cyberbullying*.

Em outra matéria, apresentamos iniciativas de jovens em busca de seus sonhos (de jovens empreendedores a estudantes resolutos em busca de seus objetivos). Nessa forma de ver a vida, qual o papel do protagonismo na busca de soluções para os problemas contemporâneos?

Nessa linha, destacamos um octogenário *teen*, Ozires Silva, ansioso para novos empreendimentos, deixando seu gigantesco legado para outros jovens sorverem.

No outro extremo geracional, abordamos os espaços para o Brincar, que estimula a formação de uma geração criativa, integrada ao seu grupo, inspirada na fantasia na imaginação, preparando futuros sonhadores e construtores de mundo impossíveis.

Também apontamos a necessidade do domínio da língua inglesa em um mundo onde, cada vez mais, nossos jovens viverão em diferentes locais do planeta, à medida que fizerem suas opções de trabalho, empreendedorismo ou sonho de liberdade.

Sonhos também estão presentes em nossa 1ª edição, seja na apresentação de diferentes possibilidades profissionais, da boa universidade pública à possibilidade de ampliação de visão de mundo, cada vez mais dinâmico e complexo; seja como agente de transformação individual na busca de melhores condições sociais, como o relato do jovem médico, que, a despeito de todas as negativas que a vida lhe apresentou, insistiu na busca de seus ideais e já transita pelo mundo da alta qualidade profissional.

Por fim, caro leitor, desejamos que a **Y** possa acompanhá-lo nos próximos meses, como um elemento de reflexão e pretexto para instigantes debates.

Até a próxima edição!

Miguel Ângelo Thompson Rios

Diretor Executivo Objetivo Sorocaba



22



82

40



98



60

10 Teen /
A dor e a delícia de ser o que é...

16 Lição de Vida /
Ozires Silva: uma aula de entusiasmo

22 Na Direção /
Jovens protagonizam histórias de sucesso

30 Drops /

34 Tendências /
Para colocar algumas pulgas atrás da orelha

40 Infância /
Brincadeiras conduzem aprendizado na escola

44 Abordagem /
A quem pertence o conhecimento?

46 Leio, logo existo /

48 Formação /
Universidade pública vai muito além da gratuidade

60 O que vai ser /
Admirável mundo novo... das profissões

70 In Loco /
Uma espiadinha no futuro

74 Tuitadas Interessantes /

76 Sociedade /
Dos planos de vender leite ao êxito de ser médico

82 A Sétima Arte /
Filmes para repensar a educação e a vida

88 No balanço da redes /
Atenção: "você é o que você compartilha"

92 É com você /
Cyberbullying cresce porque tem espectadores

98 Sem fronteiras /
Com que língua eu vou

Coração de Objetivo bate mais forte

A entrada na faculdade é um momento único na formação de cada indivíduo. No Objetivo Sorocaba a preparação para o Vestibular alia teoria à prática, com total suporte da estrutura física e acadêmica de uma das melhores escolas do país. Os resultados são claros: o maior índice de aprovação da região, com mais de 50% entre os seus aprovados na USP, UNICAMP e UNESP.

Prepare-se para o vestibular com melhor, e descubra porque coração de Objetivo sempre bate mais forte.

 **OBJETIVO** futuro sem limites
SOROCABA

F. 15 3332.9900
www.objetivosorocaba.com.br

Se olhar ao seu redor na escola, na sala de aula, verá centenas de adolescentes vivendo como você, na correria e na comunicação permanente com seus amigos. Mas, afinal, que fase é essa – a tal adolescência – pela qual você está passando? Quem é você?

A DORE A DELÍCIA DE SER O QUE É...

11



O presidente da Associação Brasileira de Terapia Familiar, Marcos Naime Pontes, psiquiatra e terapeuta de casal e família, descreve:

Períodos de mudança são sempre muito surpreendentes. Na adolescência não poderia ser diferente. Embora não haja uma fórmula para se adolescer bem, há compreensões que nos ajudam a passar por ela e nos ajudam também a acompanhar nossos entes nessa etapa da vida, cheia de emoções.

Os rituais de passagem são a cara da adolescência. Eles condensam de sentido os paradoxos e as contradições que vivemos nestes períodos.

É doloroso se despedir de um lugar que ocupávamos como criança e entrar em um longo período de metamorfoses até a fase adulta. Isso requer uma dose de luto. E, ao mesmo tempo, há a comemoração contínua das descobertas dos sentidos, das intensidades e do superlativo.

Os rituais são necessários e, em nossa cultura, quando não são vividos pela família, escola, e todos os lugares em que habitamos, os rituais são encontrados na surdina. A necessidade inerente da busca de sentidos pelo ser humano faz-nos identificar com grupos que permitem a integração de tais significados.

Adolescer, no meu entender, é buscar os sentidos das contradições vividas principalmente nos momentos de grande transição.

A psicóloga Lucimeire Prestes de Oliveira Tomé opina:

Ser adolescente é trazer consigo todas as peculiaridades inerentes desta fase, como oscilação de humor, inquietação, egocentrismo e onipotência.

Além destas características, que fazem parte da adolescência, o jovem nos dias de hoje é desafiado a desenvolver habilidades para lidar com situações que muitas vezes envolve violência física e moral, abuso, drogas e sexo.

Atualmente as famílias são constituídas de forma diferente das de antigamente, sendo isso um desafio para o adolescente, que com os pais (mãe e pai) trabalhando fora, percebe-se muitas vezes sozinho diante das dificuldades.

Podemos citar outros desafios vivenciados pelo adolescente nos dias atuais:

– Estabelecer o diálogo no interior de suas famílias e com seus pares, pois, infelizmente, devido à correria do dia a dia, as pessoas estão pouco disponíveis a ouvir.

– Construir laços de afeto e amizade com contato físico, sendo que, em plena era digital, parece que é muito mais fácil fazer e manter amigos através do computador do que pessoalmente. É importante que todos (pais e filhos) percebam quando os relacionamentos estão sendo construídos de forma virtual ao invés de real.

– Conseguir lidar com o conflito de gerações existente na relação com os adultos, pois muitas vezes os recursos tecnológicos e a velocidade da informação aumentam a distância entre as experiências dos pais, outrora vivida, com a dos filhos nos dias atuais.

– Estar em contato com o uso abusivo de álcool e drogas, sabendo o que é certo ou errado, e fazer as escolhas corretas.

– Conseguir realizar escolhas, quando o assunto são cursos e profissões. Diante da variedade, o adolescente necessita estar bem informado, ter suas dúvidas sanadas e sentir-se apoiado ao escolher o seu caminho.

– Vivenciar relacionamentos amorosos sem compromisso e muitas vezes praticar o sexo irresponsável.

Referindo-se à adolescência, considero que o maior de todos os desafios, tanto para os pais quanto para o adolescente, é estabelecer o respeito quanto à diversidade de opiniões entre as gerações.

Resgatar valores morais e religiosos auxilia na construção da identidade. Cabe ao adolescente ser leal aos valores estabelecidos dentro do seu contexto familiar e cabe aos pais oferecer este alicerce proporcionando um ambiente saudável para que seu filho desfrute de uma adolescência sadia.

Fundamental é ter-se clareza de que a adolescência é mais uma fase do desenvolvimento humano e, como todas as outras, vai passar, sendo necessário tomar o devido cuidado com as escolhas e atitudes, pois sabemos que, para toda ação há reação e possivelmente consequências.



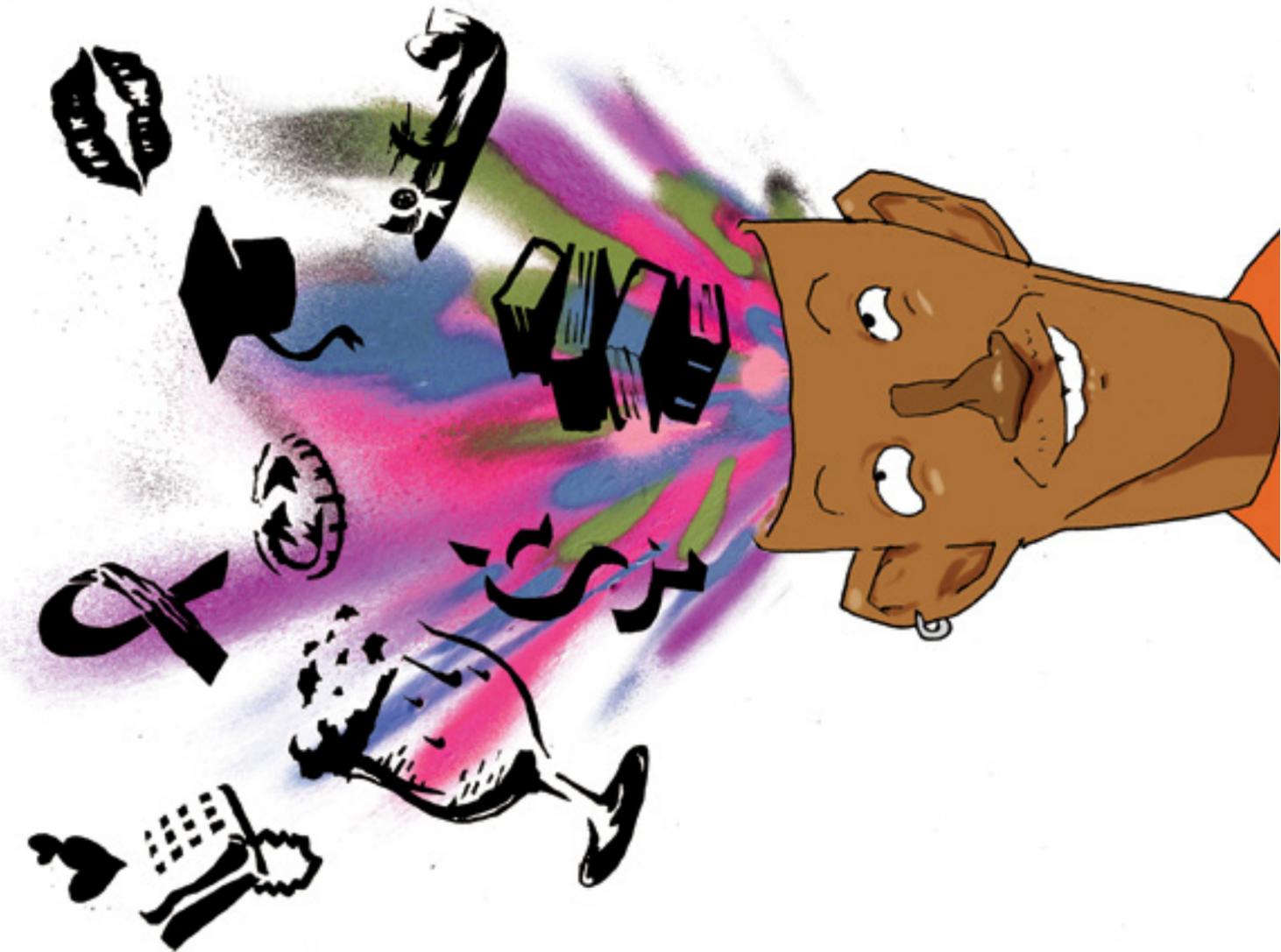


**E na pele do adolescente,
os depoimentos de Ana Paula
Yabiku Gonçalves, 19 anos,
e Daniel Libois Trigo, 16:**

Aos 14 anos, decidi que queria ser jornalista. Ao contrário do que sonha a maioria deles, entretanto, nunca liguei a profissão ao glamour de aparecer na televisão, nem de sentar-se do lado de trás do balcão vestindo roupas e expressões intelectuais (pois, em muitas ocasiões, elas também são “vestidas”). Talvez a opção baseie-se mais no fato de conhecer lugares, comportamentos e pessoas distintas, em fazer por eles o que poucos fazem, e menos no gosto pela escrita e pela leitura. Quando lidamos com situações variadas, acredito, aprendemos um pouco mais sobre a vida.

Ainda no primeiro ano do curso matutino de Comunicação Social com ênfase em Jornalismo — e com apenas 18 anos de idade —, fui selecionada para compôr a equipe de estagiários da redação do *Jornal Cruzeiro do Sul*, um dos mais tradicionais da cidade. Às sextas-feiras, trabalho com a assessoria de imprensa da Ordem dos Advogados de Sorocaba. Pela noite, vou à academia, enquanto leio um livro ou ouço músicas. É o meu único tempo disponível durante a semana, mas não reclamo. Em que outro período da vida seria fundamental dar o máximo de si, se não na adolescência?

Os jovens de hoje (ou, pelo menos, aqueles que têm consciência disto) não têm mais tempo a perder. Nós gastamos dinheiro com shows, baladas e barzinhos aos fins de semana, passamos horas com a família e os amigos, mas não nos esquecemos das responsabilidades diárias. A vida está mais rápida e o tempo mais curto. A geração de hoje precisa aprender a fazer o máximo que puder, no menor tempo possível. (Ana Paula)



É difícil descrever a minha adolescência baseado no tempo em que estamos, porque, o hoje que pode ser para muitos aquele futuro dos filmes antigos, para mim e tantos outros, é somente a fase da adolescência. Tenho 16 anos e eu cresci vendo a informática sendo globalizada e a tecnologia crescendo de forma inexplicável. Mas aquela essência do adolescente, o chato, o rebelde e o sonhador continua sendo a principal definição de todos que são “aborrecentes”. Quero dizer para todos os pais que, como vocês tiveram, nós também temos nossas paixões, nossas dificuldades, aqueles sonhos que somente para nós, em nossa ingenuidade, poderão ser realizados e também somos muitas vezes orgulhosos, mas sabemos que precisamos do carinho da mãe e do ensinamento de pai; tudo

isso como qualquer adolescente de qualquer época, o tal de Facebook nunca vai conseguir mudar isso. Somos tão estranhos para vocês quanto vocês eram para os seus pais. Acredito que a nossa diferença realmente está no avanço tecnológico que trouxe mais dinâmica e menos tempo para todo o mundo.

Como hoje tudo precisa ser muito rápido, já vou encerrar, mas preciso deixar claro, concordo que somos chatos, muitas vezes me irrita comigo mesmo de estar tão preso ao mundo virtual, mas com toda certeza, é somente uma fase. (Daniel)

Se você quer contar sobre como é (ou como foi) ser adolescente, escreva para a Y, no email falecom@ymag.com.br

Fundador da Embraer
conta todo empenho para
fazer seu grande sonho
decolar e destaca atributos
imprescindíveis para
um empreendedor

17

OZIREES SILVA: UMA AULA DE ENTUSIASMO

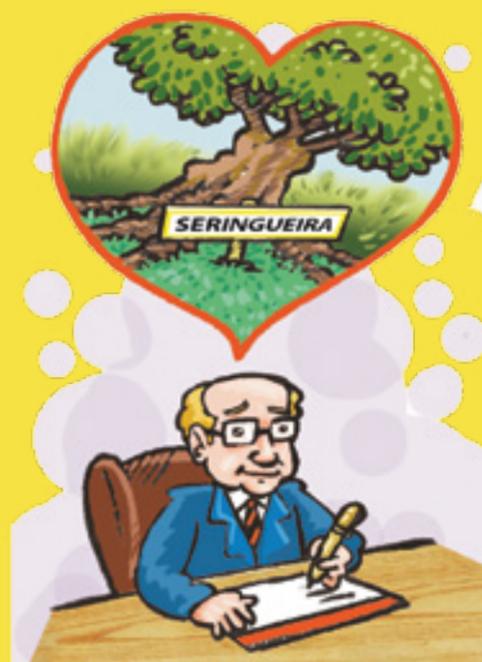
O zires Silva, um dos maiores exemplos de liderança empreendedora no Brasil —liderou o grupo que criou a Embraer, foi ministro da Infraestrutura, presidente da Petrobras e da Varig, entre muitas outras coisas— tem dez minutos disponíveis para a entrevista. A primeira pergunta da reportagem versa sobre qualidades essenciais para um jovem empreendedor. “Não pode ficar parado em casa, tem que ter disposição, perseverança. Tem que ter entusiasmo. Até para nascer é preciso de fé, paixão e entusiasmo.”

E entusiasmo é mesmo o que não falta a Ozires Silva: a entrevista que era para durar apenas dez minutos passa para 30 minutos em um piscar de olhos. Sorte dos leitores da revista Y.

Aos 81 anos e já sustentando com muito orgulho o título de bisavô, Ozires Silva, que atualmente é reitor da Unimonte (universidade localizada em Santos, responsável pela criação do 1º curso de Ciências Contábeis da Baixada Santista e, também, da 1ª graduação tecnológica em Petróleo e Gás) e continua a fazer o que mais gosta: transformar sonhos em realidade. “O tempo todo temos que emprender. Não há um empreendimento que começa e termina. Sempre tem que empreender”, ressalta ele, que nos últimos tempos investiu seu entusiasmo na biotecnologia para produção de um produto dermatológico a partir de uma substância da seringueira brasileira, a Pele Nova. “Eu espero que a Pele Nova se torne uma grande empresa, como a Embraer”, disse na ocasião.

Durante a entrevista, o telefone celular toca e pede uma pequena pausa à repórter: “Estou resolvendo um negócio em Brasília, pode me dar uma breve licença?”. É, e tem gente que sonha se aposentar aos 50 anos de idade...

E poderia parecer mesmo um sonho, na década de 1960, falar em produção de aviões no Brasil. Mas lá estava o entusiasmo de Ozires Silva para fazer com que o sonho literalmente decolasse e alcançasse altos voos: em outubro de 1968, depois de quatro anos de muito trabalho, o primeiro avião brasileiro (Bandeirantes) saiu do chão e hoje, só para se ter uma ideia, a Embraer (considerada uma das maiores empresas aeroespaciais do mundo) faz um jato a cada dois dias.





E se Steves Jobs fosse brasileiro?

Mas as coisas não foram lá muito fáceis para Ozires Silva, que brinca que dependeu até de uma mãozinha de Deus para encomendar um nevoeiro que o colocou frente a frente com uma grande oportunidade: o Presidente da República. “Naquela época, se eu tentasse marcar uma reunião com o Presidente era uma coisa impossível, mas não é que naquele domingo de abril de 1969, às 7h30 da manhã, eu estava trabalhando no hangar do ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica), em São José dos Campos, e entraram em contato comigo falando que, devido a um nevoeiro, o avião que levava o Presidente (na época, Arthur da Costa e Silva) teria que mudar sua rota e fazer um pouso de emergência. Me perguntaram se tinha alguém para recebê-lo em São José. Disse que sim, que o avião poderia pousar no nosso hangar que eu receberia o Presidente.” E era nesse hangar que nasciam os sonhos e projetos dos primeiros aviões brasileiros. “O governo até então não queria colocar dinheiro nesse projeto. Achavam que era melhor a gente continuar comprando os aviões dos EUA. Era um cenário hostil às nossas ideias.”

Bem, mas se a oportunidade passou por perto naquela manhã de domingo, Ozires tratou de agarrá-la com força – aliás outra característica essencial do empreendedor: ser um grande agarrador de oportunidades. “Fiz uma verdadeira lavagem cerebral no Presidente”. Estava semeada a Embraer.

Ao narrar essa história, Ozires lembra de uma frase de Picasso: “Toda vez que a sorte bateu em minha porta, eu estava trabalhando em meu ateliê”. Se houve ou não mãozinha de Deus nessa história é impossível saber, mas o fato é que eram 7h30 da manhã de um domingo e lá estava Ozires Silva trabalhando com todo o seu entusiasmo.

E se, por força do destino, Steves Jobs tivesse nascido brasileiro? “Com certeza não teria feito tudo o que fez”, responde Ozires Silva sem titubear. “Se Einstein estivesse no meio da África, com certeza não teríamos a Teoria da Relatividade”, completa. “Não basta ser sábio, é preciso de toda uma sociedade estruturada que permita impulsionar esse sábio”, ressalta Ozires.

Por isso, apesar de ver com muito bons olhos o potencial da nova geração brasileira, Ozires mostra grande apreensão em relação às bases educacionais do Brasil. “Steves Jobs estava no Silicon Valley (Vale do Silício). Ele mesmo falava das facilidades de estar num local como aquele. Mesmo a Embraer aconteceu por causa do ITA, um dos bons exemplos de instituição educacional no Brasil”, comenta ele e completa: “Aliás, o Objetivo Sorocaba é também um desses bons exemplos”.

Fora ter sido germinada no ITA, a Embraer aconteceu também porque Ozires acreditava piamente que nós, brasileiros, também poderíamos produzir aviões e não apenas comprar dos norte-americanos. “Não podemos apenas desfrutar de tudo que se produz no hemisfério norte. Precisamos também produzir. Daqui a 40, 30 anos, ou até menos tempo, ninguém mais vai ouvir falar de iPad e de outros produtos da Apple. Aconteceu isso, por exemplo, com a RCA (para quem não se lembra a marca estadunidense era líder no mercado dos eletrônicos) com o surgimento de marcas como a Samsung. Funciona assim: uma boa ideia derruba uma outra boa ideia. E por que não podemos pensar que a gente pode fazer algo para substituir o iPad?”, cutuca Ozires, aproveitando para deixar um recado para a “molecada” brasileira. “É preciso mandar brasa mesmo.” E aí, entusiasmou-se?

JOVENS PROTAGONIZAM HISTÓRIAS DE SUCESSO

23

Criar um banco de microcrédito aos 23 anos de idade. Fazer um contrato, aos 17 anos, com uma empresa norte-americana para produzir vídeos para o YouTube. Ou mesmo administrar um centro de difusão de arte aos vinte e bem poucos anos. Nesta reportagem, o leitor conhecerá três histórias de sucesso protagonizadas por gente grande de bem pouca idade.

**Alessandra França:
multiplicando empreendedorismo**

Aos 26 anos, Alessandra França tem, entre seus objetivos atuais, a regulamentação junto ao Banco Central de sua instituição financeira — o Banco Pérola, criado por ela aos 23 anos. As conversas com uma das principais autoridades monetárias do país já estão encaminhadas e, em breve, a garota deve conquistar mais um de seus objetivos. Só por essa breve informação, já é de se admirar Alessandra. Mas, mergulhando um pouco mais na trajetória dessa jovem, fica ainda mais claro o porquê a revista Y escolheu a história de Alessandra para contar para os seus leitores.

De origem humilde — é filha de uma costureira e de um caminhoneiro que não tiveram grandes oportunidades de estudos — Alessandra foi estimulada desde cedo, pelos pais, a investir em sua formação. Aos 15 anos, quando conseguiu uma vaga no projeto Pérola — que promove cursos gratuitos, como o de informática, para jovens de baixa renda — agarrou mesmo a oportunidade, tanto que em um ano passou de aluna a instrutora do projeto.

Foto: Arquivo pessoal



Em parceria com o Objetivo Sorocaba, o projeto Pérola promovia um concurso de bolsa para os jovens que tinham interesse em estudar no colégio, mas não tinham recursos financeiros para isso. Mais uma vez lá estava Alessandra e sua determinação. Resultado? Alessandra conquistou a bolsa para estudar o Ensino Médio no Objetivo Sorocaba e com um pouco mais de empenho, aos 19 anos, conquistou uma vaga no curso de engenharia elétrica na Unesp. Na mesma época, recebeu o convite do presidente do projeto Pérola, Jorge Proença, para assumir a coordenação geral da iniciativa e optou por encarar a oportunidade e fazer uma faculdade por aqui mesmo na cidade.

Atualmente, Alessandra realiza sua segunda pós-graduação (está estudando Finanças com ênfase em banking na FGV) e administra o Banco Pérola, que tem como objetivo fornecer microcréditos para que, assim como ela, jovens empreendedores de baixa renda tenham também a chance de realizar seus sonhos. “Garra, força de vontade e nunca pensar em desistir. Isso é básico para quem quer ser um empreendedor”, ensina com propriedade Alessandra, que em uma determinada época de sua

vida tinha três empregos, cursava sua primeira pós e ainda arranjava tempo para suas aulas de inglês.

Vale lembrar que o Prêmio Nobel da Paz de 2006 foi para o bengalês Muhammad Yunus, pioneiro na implementação do microcrédito para pessoas em extrema pobreza.

Yunus, doutor em economia, ganhou o prêmio juntamente com o Grameen Bank (“Banco das Vilas”), instituição criada por ele para poder viabilizar os empréstimos.

A ideia da criação do banco começou a brotar em 1976, quando Yunus era chefe do Departamento de Economia Rural da Universidade de Chittagong, em Bangladesh.

O professor iniciou um projeto de pesquisa para verificar a viabilidade de se criar um sistema de crédito para que pessoas pobres e de áreas rurais tivessem acesso a serviços bancários.

Um dos grandes feitos do banco foi conseguir fornecer empréstimos sem ter de exigir garantias, e, assim, hoje, o banco tem, em Bangladesh, cerca de seis milhões de usuários do sistema, dos quais 97% são mulheres, conforme informações do próprio banco.



Banco Pérola

O crescimento do Banco Pérola ilustra bem o tamanho da força de vontade que move Alessandra. Tudo começou em 2009, quando a jovem passou por uma seleção rigorosa da Artemisia, uma organização pioneira em negócios no Brasil. Entre mais de 200 projetos inscritos, apenas cinco foram selecionados. Lá estava novamente Alessandra não deixando a oportunidade passar. A Artemisia viabilizou R\$ 40 mil para o pontapé inicial do Banco Pérola. Hoje, passados menos de três anos de funcionamento, o capital do banco é 30 vezes maior: 1,2 milhões. E para o ano que vem, a intenção é de chegar aos R\$ 3 milhões, através de parcerias conquistadas com a iniciativa privada.

Desde 2009, o Banco Pérola já viabilizou 198 negócios de 700 jovens de Sorocaba, que não conseguiriam financiamentos em bancos comuns devido à pouca idade. O empréstimo, basicamente, funciona desta maneira: o projeto do interessado passa por uma criteriosa seleção e, se for aprovado, recebe R\$ 5 mil de empréstimo, que serão pagos pelo selecionado com juros menores do que os praticados no mercado. “Coletamos grandes

histórias. Só para exemplificar, recentemente, um grupo de três jovens do Habiteto foi contemplado com o maior empréstimo que já fizemos: R\$ 15 mil. Eles só tinham um terreno alugado e a ideia era produzir paletes (estrutura de madeira para transporte de cargas) para caminhões. Analisamos a ideia e apostamos no projeto.” Com o dinheiro do Banco Pérola, eles levantaram um barracão com as próprias mãos e hoje contratam mais 4 jovens e estão tendo um lucro de R\$ 15 mil por mês, o que possibilita o pagamento dos funcionários, do empréstimo ao Banco Pérola e ainda um lucro significativo aos empreendedores.

Vale ressaltar que, além do empréstimo, o Banco Pérola faz o acompanhamento dos projetos em execução, dando orientações aos jovens empreendedores. Hoje, o Banco Pérola conta com uma equipe de oito pessoas e Alessandra continua a viabilizar o negócio através de parcerias com empresários que emprestam dinheiro e apostam no projeto social. Por isso, a parceria com o Banco Central pode ajudar nessas negociações. “Dá mais credibilidade”, frisa a garota, uma empreendedora na arte de criar empreendedores.

João Paulo Peranovich: quando fazer vídeos para YouTube passa de diversão a profissão

Talvez se esta revista for lida daqui a dois anos — ou, quem sabe, em até menos tempo — o parágrafo seguinte não soe estranho a quase ninguém como hoje ainda pode acontecer. João Paulo Peranovich é um youtuber. Sim, youtuber. Esse é o nome dado àqueles que tem, como profissão, a produção de vídeos para o youtube.

Apesar de seus 17 anos, João Paulo já tem know-how na área e fala com muita propriedade sobre o assunto que não tem nada a ver com mera diversão de adolescente. Aliás, como ele mesmo informa, youtubers podem ser contratados por empresas norte-americanas já a partir dos 13 anos de idade e fazer sua criatividade virar dinheiro.

Apaixonado por games, o garoto, que cursa o Ensino Médio no Objetivo Sorocaba, fez de seu prazer uma profissão. E obviamente quando profissão e prazer dão as mãos o resultado sempre aponta para o sucesso.

Tudo começou com um grupo de amigos que resolveram criar um blog com informações sobre games. “Esse universo gera muita notícia e mantínhamos nosso blog sempre atualizado.”

Depois do blog, João Paulo, dessa vez sozinho na empreitada, resolveu fazer alguns vídeos sobre o assunto e postar no YouTube. O jeito desinibido do garoto associado a informações interessantes sobre o universo dos games fizeram com que os vídeos de João Paulo conquistassem grande número de visualizações — em um, que debate o assunto pirataria, foram mais de 41 mil acessos.

Com a popularidade alcançada e pela qua-



lidade dos conteúdos produzidos, João Paulo foi um dos selecionados no recrutamento que a empresa norte-americana Machinima fez no Brasil para contratação de youtubers. A empresa veicula anúncios publicitários nos vídeos do youtuber contratado, que ganha dinheiro a cada visualização. O contrato de João Paulo começou a valer em março deste ano e, com o lucro obtido, já está dando para “comprar os meus games”, adianta o garoto, que faz postagens diárias no YouTube sempre às 18h. Nesse horário, lá estão os espectadores fiéis de JP para ver mais uma das produções do garoto. E ele tem mesmo um público cativo: basta ver o número de acessos diários e a quantidade de comentários para cada produção. “Tem feiras de games em que o pessoal pede para tirar foto comigo. A pessoa se sente íntima com você pois te vê todo dia. É bem interessante.”

Para garantir essa boa audiência e consequentemente o sucesso de seu negócio, João realmente tem que trabalhar como gente grande. “Além disso, tenho que conciliar com as obrigações da escola e também ter tempo para ser adolescente, né?”



Ao lado: Giuliana Bona, Janaína Silva, Hércules Soares e Eliane Ribeiro. Foto: Paulo Henrique Zioli.
Abaixo: Hércules Soares e Eliane Ribeiro.
Foto: Tatiana Plens

A arte de aliar empreendedorismo e ... arte

Muitos podem pensar que arte e empreendedorismo são práticas absolutamente distintas. Ledo engano.

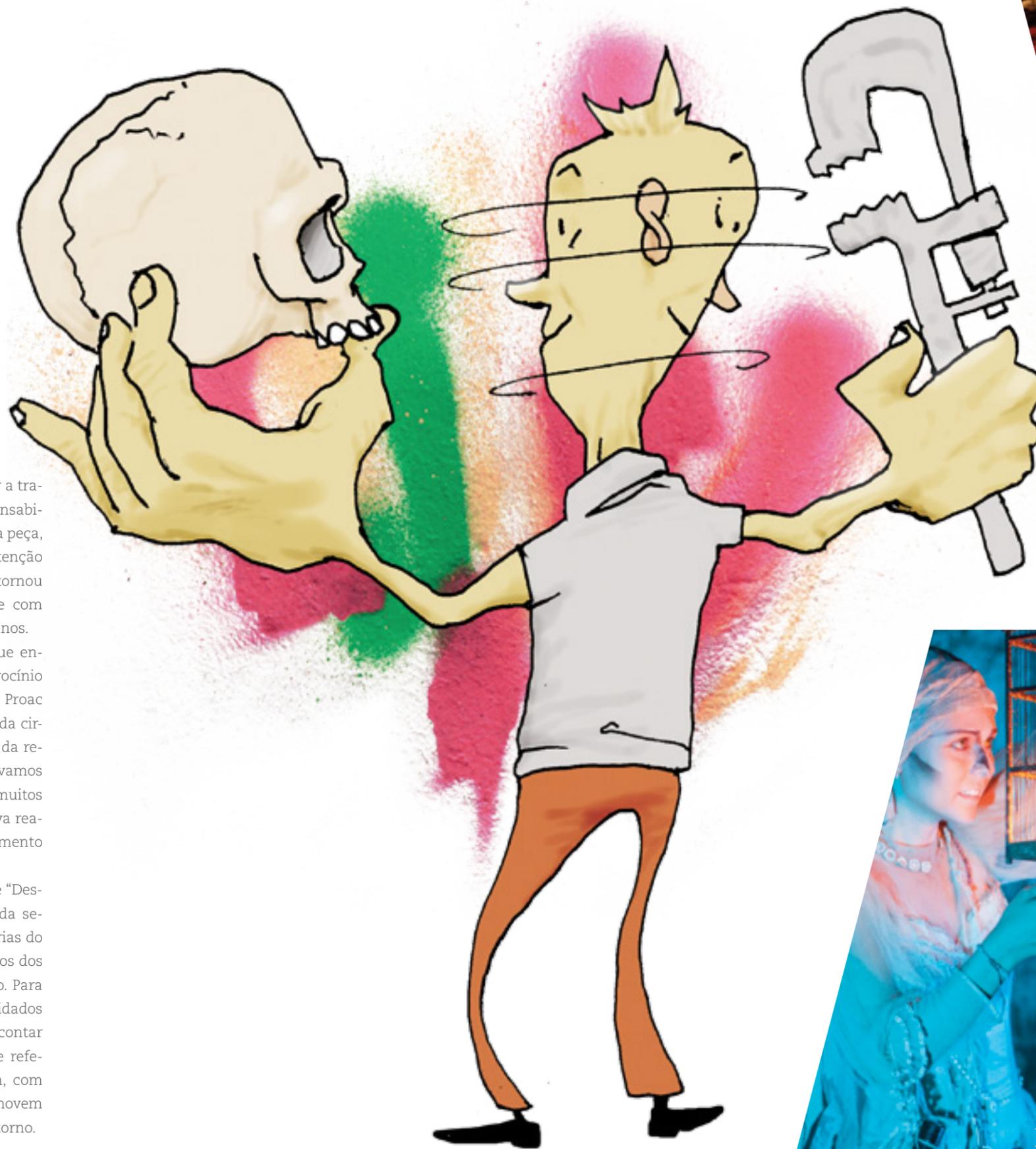
O Coletivo Cê, de Sorocaba, é um dos bons exemplos de jovens artistas empreendedores que conseguem viabilizar e gerenciar bons projetos não só na área artística, mas também na social. Hoje, além de se configurarem como um grupo teatral com um trabalho dramaturgicamente reconhecido na cidade e na região, eles mantêm um espaço no Bairro da Chave, em Votorantim, onde promovem oficinas gratuitas para crianças. No local — que antes funcionava uma associação de bairro mas que estava abandonada — realizam também ensaios do grupo e promovem, bimestralmente, a festa Cabiru, que tem se tornado uma mostra artística de referência na cidade.

Com uma média de idade de vinte e bem poucos anos, os integrantes do Coletivo Cê produziram uma das peças mais bem comentadas dos últimos tempos na cidade: o espetáculo “Desterro”. Mesmo sendo um grupo independente, trata-se de uma produção bastante elaborada — quem não viu a peça pode ter uma leve dimensão pelas fotos nesta página. Uma das características do espetáculo é ser encenado em espaços alternativos, que se tornam também protagonistas da peça. Obviamente, criatividade é matéria-prima para a produção, mas não é só ela que viabiliza o projeto. A primeira temporada de “Desterro” — encenada em 2009 em um prédio público sem uso no centro da cidade — foi viabilizada através de edital da Lei de Incentivo à

Cultura de Sorocaba. “Tivemos que aprender a trabalhar com a grana pública. E foi uma responsabilidade para o grupo. Tínhamos que pensar na peça, mas também na parte da limpeza e manutenção do prédio, na parte elétrica... A coisa se tornou mais séria e ganhamos muita maturidade com isso”, explica Hércules Soares, hoje com 23 anos.

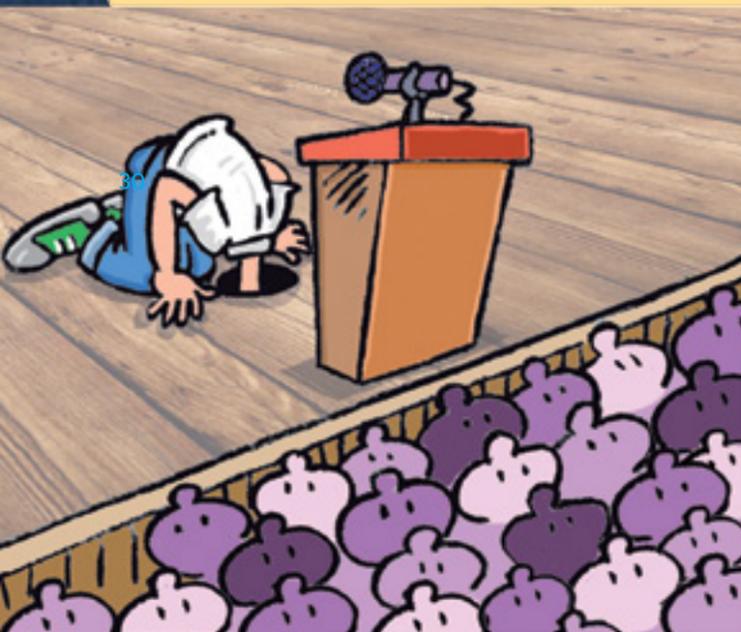
Mais familiarizados com as questões que envolvem a execução de um projeto com patrocínio público, eles conseguiram a aprovação no Proac (do governo do Estado) para financiamento da circulação do espetáculo por diversas cidades da região, reativando espaços sem uso. “Agora, vamos nos transformar em pessoa jurídica. Pois muitos editais exigem CNPJ. Para a gente é uma nova realidade e estamos começando a ter o entendimento disso também”, explica Hércules.

Além de continuar a gerenciar a vida de “Deserto”, eles já estão em fase de produção da segunda peça do coletivo, que vai trazer histórias do Bairro da Chave. Isso porque um dos objetivos dos artistas é dialogar com o espaço onde estão. Para essa peça, os moradores do local foram convidados para um café da manhã, em que puderam contar algumas histórias do local, que servirão de referência para o próximo espetáculo. E assim, com arte e empreendedorismo, os jovens promovem uma transformação positiva de todo seu entorno.



Acima: Eliane Ribeiro. Foto: Paulo Henrique Zioli.
Abaixo: Giuliana Bona e Eliane Ribeiro. Foto: Tatiana Plens.

A revista Y captou, entre milhares de notícias, algumas que podem fazer diferença no seu dia a dia.



Falar em público

A maior preocupação dos jovens em relação à comunicação nos processos seletivos ocorre quando vão falar em público. Esse foi o item mais assinalado em enquete realizada pelo Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE), em seu portal, respondida por 6.683 estudantes, na primeira quinzena de julho. De acordo com a enquete, 34% dos jovens temem fazer apresentações em público. Redação e interpretação de textos vêm logo em seguida, com 27% de indicação. Problemas ao lidar com a gramática (20%) e expressar ideias (19%) também fazem parte do terror dos estudantes nos processos seletivos para vagas de estágio, aprendizagem e emprego. O domínio da linguagem (oral, escrita, multimídia) é uma das principais preocupações do Colégio Objetivo Sorocaba.

Leitura ajuda desempenho profissional

Um estudo da Fundação Nacional de Leitura Infantil (National Children's Reading Foundation) associou o hábito da leitura na infância e adolescência ao bom desempenho profissional na vida adulta. "Os pesquisadores americanos concluíram que, além de estimular a criatividade e desenvolver a imaginação, ler diariamente faz com que as crianças aprendam com mais facilidade, pronunciem melhor as palavras e expressem suas ideias com mais clareza", resume o médico Sylvio Renan Monteiro de Barros, da MBA Pediatria.



Brasil é o terceiro país mais empreendedor do mundo

A força do empreendedorismo no Brasil vem aumentando a cada ano. Segundo uma pesquisa recentemente divulgada pela Global Entrepreneurship Monitor 2011 (GEM), o país tem 27 milhões de empreendedores, o que representa 27% da população adulta brasileira, e ocupa a terceira posição no ranking de 54 países analisados. Mas um dos dados mais impressionantes desse estudo diz que a maioria dos novos empreendedores decidiram abrir um negócio por verem uma oportunidade nova e não por falta de opção, como ter perdido o emprego.

Parceria para incentivar doação de órgãos

O ministro da Saúde, Alexandre Padilha, e o vice-presidente do Facebook na América Latina, Alexandre Hohagen, lançaram uma nova funcionalidade no perfil dos usuários do Facebook que pretende incentivar a doação de órgãos no país. Com esta parceria, o Ministério quer reforçar a importância da doação nas redes sociais.

A fome no mundo

Pesquisa do IBOPE Inteligência, em parceria com a Worldwide Independent Network of Market Research (WIN), realizada em 59 países, com 53.433 entrevistados, mostra que, em 2011, uma em cada cinco pessoas no mundo (21%) passou, pelo menos uma vez, por uma situação na qual não teve o suficiente para comer. De acordo com o estudo, 3% da população mundial declararam que frequentemente passaram por momentos como esse e outros 9% dizem que algumas vezes vivenciaram essa situação, mesmo percentual dos que afirmam que raramente passaram por isso. No Brasil, 15% da população viveu essa situação, sendo que 2% declaram que frequentemente não tiveram o suficiente para se alimentar, 4% dizem que passaram por isso algumas vezes e 9%, raramente.

Países da África e Oriente Médio são os que mais sofrem com a fome no mundo. Sudão do Sul (94%), Palestina (72%), África do Sul, Nigéria e Camarões (70% cada), Quênia (66%), Geórgia (56%) e Afeganistão (54%) são os países com o maior percentual de pessoas que não tiveram o suficiente para comer nos últimos 12 meses.

Na outra ponta, a Tunísia é o país com o maior número de pessoas (95%) que declaram que nunca passaram fome, seguida por nações europeias e asiáticas como Alemanha e Holanda (94% cada), Finlândia e Áustria (92% cada), Hong Kong (89%) e Vietnã (88%).



Uso de computadores e da internet

Uma pesquisa sobre uso de tecnologias por crianças avaliou a posse de tecnologias entre crianças de cinco a nove anos em todo o país. O levantamento foi conduzido pelo CETIC — Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação e mostra que 51% das crianças já usaram um computador e 27% declaram ter acessado a internet. A proteção e segurança da criança online é o que preocupa muitos pais. A análise feita pela CETIC indica que 21% dos pais ou responsáveis por crianças dessa faixa etária não monitoram o conteúdo utilizado pelos filhos.

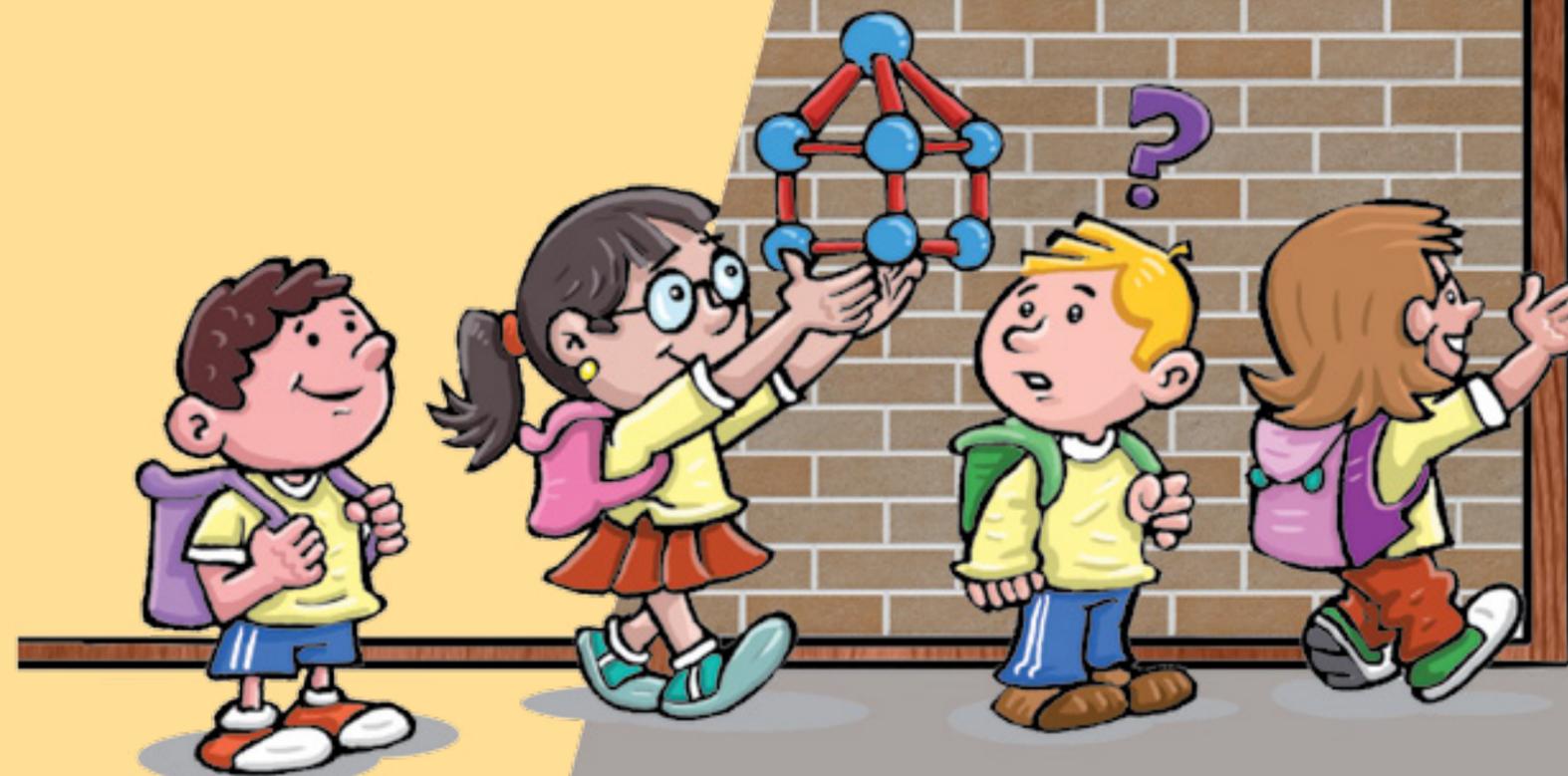


Atendimento a alunos superdotados

A Secretaria da Educação do Estado de São Paulo estabelece, a partir de agosto, uma política pública para o atendimento de estudantes com altas habilidades/superdotação. As novas normas possibilitam o processo de aceleração de estudos para alunos superdotados. Devem ser considerados pelas unidades escolares alunos com altas habilidades aqueles que, em suas atividades, demonstrem potencial elevado e grande envolvimento com áreas do conhecimento humano, isoladas ou combinadas, como a intelectual e acadêmica, psicomotora, de liderança e de criatividade, associadas a um alto grau de motivação para a aprendizagem e para a realização de tarefas e assuntos de seu interesse.

As crianças e os adolescentes com essas características devem ser matriculados em classes comuns das escolas estaduais, no Ensino Fundamental ou Médio, que têm de oferecer atendimento adequado às necessidades educacionais constatadas em avaliação pedagógica realizada pela unidade de ensino.

A Y quer saber: onde você se informa sobre o que acontece no mundo?
Escreva pra falecom@ymag.com.br



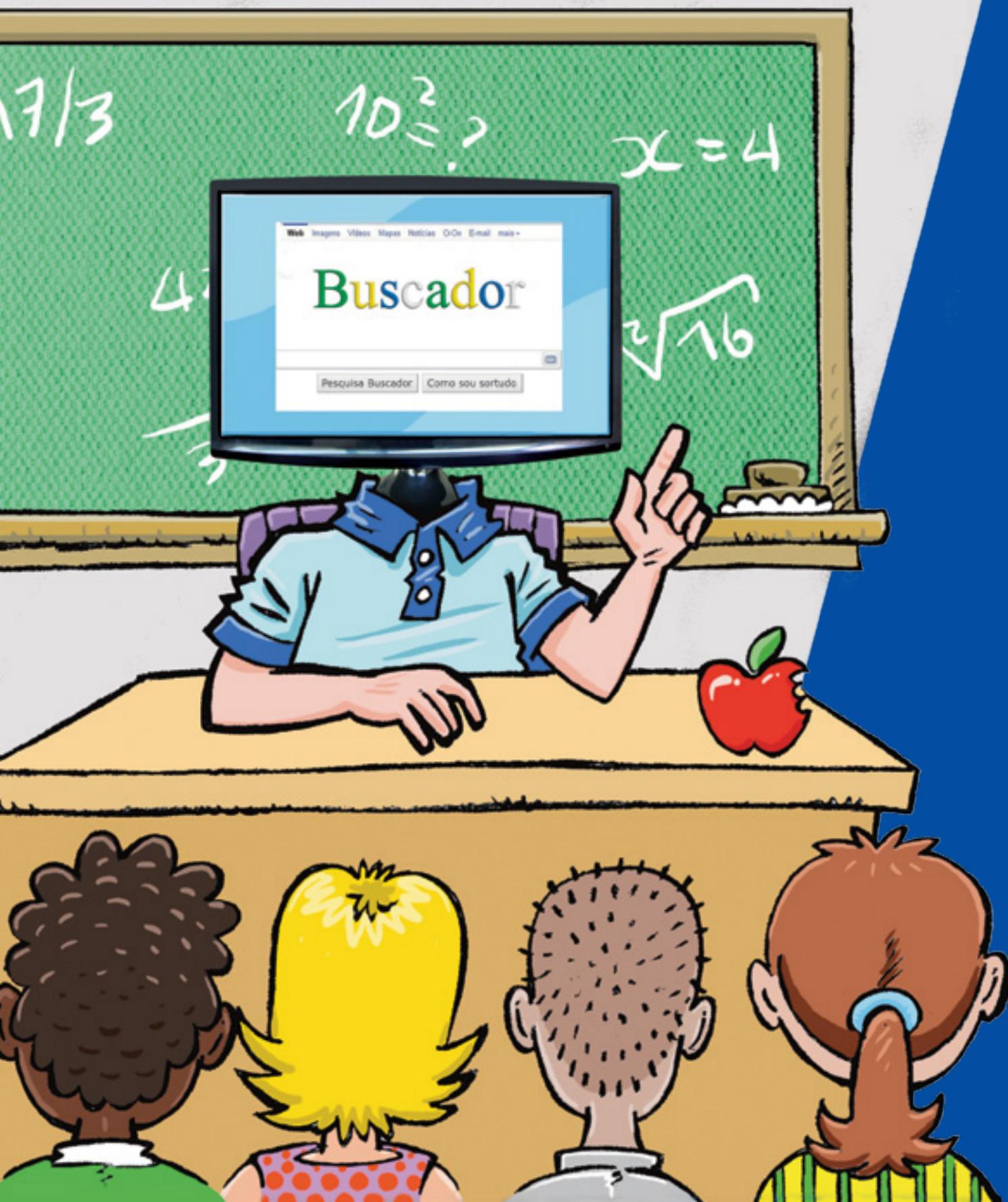
PARA COLOCAR ALGUMAS PULGAS ATRÁS DA ORELHA

Eduardo Shimahara coloca em xeque alguns conceitos educacionais arraigados na sociedade e repensa algumas posturas importantes quando o assunto é sustentabilidade

Para quem ainda acredita, com convicção, que sucesso está ligado unicamente a ganhar muito dinheiro, pode parar de ler esta reportagem por aqui. O recado também vale para os professores que fecham as portas da sala de aula para ferramentas como Google ou Facebook e continuam ministrando suas aulas como se fossem os únicos detentores do saber. Ah, também aqueles que associam felicidade a aquisição de objetos podem desistir desta página.

Eduardo Shimahara, diretor de sustentabilidade e inovação do Grupo Anima de Educação e Cultura, coloca uma lupa em cima de alguns pré-conceitos estabelecidos na sociedade, que ainda resistem, e muito, à possibilidade da formação de novos valores. Sim, está na hora de quebrar alguns paradigmas.

A princípio, pode soar um pouco estranho, mas o fato é que assim que entra em sala de aula o professor de pós-graduação Eduardo Shimahara afirma: "Podem ignorar a plaquinha que diz que é proibido deixar o celular ligado em sala de aula. Pode deixar ligado sim e conectado com o Google pra ver se o que estou falando está certo e se tem alguém por aí com outra informação. Eu não sou o dono da verdade".



A grande questão não se restringe, obviamente, ao uso leviano da tecnologia em sala de aula, mas abre para os alunos e também educadores uma nova visão — mais realista e menos arcaica — sobre a função do professor em um mundo em que o acesso à informação se dá de maneira muito diferente — e também muito mais fácil — do que pouco tempo atrás (com certeza, há, entre os leitores desta revista, aqueles que perderam longas tardes copiando os verbetes da Barsa, certo?). “Mas ainda há muita resistência por parte de muitos professores”, reitera Shimahara. Com certeza os que leem estas linhas já devem ter ouvido o discurso de que os alunos dessa nova geração não prestam mais atenção nas aulas, que são desinteressados, alienados, etc. Mas Shimahara, que vê com ótimos olhos essa nova geração, adverte e aproveita para cutucar: “Se ele não presta mais atenção na sua aula é porque o Google está mais interessante”, ressalta ele, exemplificando que hoje é possível ter acessos a aulas que estão sendo ministradas na Harvard através da internet e, ainda por cima, de graça. Ou seja, urge a necessidade de se repensarem alguns modelos tradicionais de educação.

Shimahara alerta também para esse conhecimento fragmentado ainda praticado na maioria das escolas, em que uma disciplina não se comunica com a outra. “Isso não funciona mais. É preciso um pensamento mais sistêmico.”

Para exemplificar a complexidade da questão, ele acrescenta: “Na minha época — e ele tem apenas 40 anos de idade —, você podia escolher entre umas dez profissões. Hoje, tem profissão que já existe no mercado e ainda não existe na faculdade. Aliás, tem profissão que já existe e ainda nem tem nome direito.”

E no meio de tantas possibilidades — e a cada dia que passa elas se multiplicam ainda mais — como escolher o que fazer? “Pra mim, sucesso não tem nada a ver com ganhar dinheiro. Primeiro tem que procurar algo que te dê prazer e que te faça feliz. O dinheiro deve ser uma consequência. Pra mim, o profissional de sucesso faz aquilo de que gosta.” A resposta pode parecer simples, mas na prática a coisa parece bem mais complicada. “Quando entro para dar aula em uma nova turma, eu sempre pergunto quem está fazendo o curso por tesão. Numa classe de 50, somente um ou dois levantam a mão. Daí, pergunto aos que não levantaram a mão e muitos respondem que resolveram fazer o curso pois é o que o mercado está precisando. Por isso, vai continuar tendo gente com um bom emprego, mas que na segunda-feira escreve no Facebook: eu odeio a segunda-feira.”

E aí, a carapuça serviu?

O mito da sustentabilidade

Quando o assunto chega em sustentabilidade, Eduardo Shimahara logo pede para fazer um parêntese mais do que necessário. “A sustentabilidade é uma utopia. Nenhum produto é 100% sustentável. Mesmo o cara que usa o pneu descartado para fazer bolsas, por exemplo, ele vai ter que usar uma linha para costurar e essa linha foi produzida e houve um desgaste ambiental.”

No ponto de vista de Shimahara, no Brasil, se compararmos com países como os EUA, a questão ecológica ainda engatinha e para variar ainda existe muita resistência para mudanças de alguns conceitos. “Esses dias mesmo me ofereceram um novo computador, pois o meu já está com cinco anos e supostamente velho. Mas se ele está funcionando, pra que eu preciso de um novo? Eu não quero. O mesmo sempre acontece com o celular...” E completa: “É que na sociedade de hoje ainda associam a felicidade a um objeto e para mim objetos são etéreos. É só ver um cara que compra uma Ferrari, por exemplo. Depois de um tempo, vai ter outro carro no mercado e ele vai querer. Esse consumismo é insaciável.” Ele ainda alerta para a quantidade de datas colocadas no calendário com o apelo comercial. Haja dias para tantos presentes a serem compra-

dos, não? “Há pouco tempo, recebemos um convite para um aniversário de criança. Lá estava escrito para não levar presente. Perguntei para o pai da criança qual o motivo daquilo e ele falou que ele não queria que a filha dele associasse a data a presentes e sim a estar perto de quem era importante para ela. Isso foi muito marcante pra mim.”

Para associar a entrevista a um fato relevante na cidade e que colocou foco em questões relativas à sustentabilidade, a reportagem questionou Shimahara sobre a polêmica em torno da lei que proibiu a distribuição de sacolinhas pelos supermercados e que, depois de muito bafafá, não está mais em vigor. “Eu sou contra as sacolinhas plásticas, mas acharia legal se houvesse um desconto para os que usam a retornável. Assim, os supermercadistas repassariam ao consumidor essa economia.” Mas Shimahara adverte que houve um pouco de distorção de valores a partir do momento em que a sacolinha retornável ficou pop e virou quase um artigo de moda. Até porque não adianta ter uma sacolinha retornável super fashion que é feita com trabalho escravo no Vietnã. Ou trocar sempre de sacola retornável para combinar com a bolsa ou ter uma coleção linda de sacolas retornáveis.

E aí, a carapuça serviu de novo?



$$A_1 = \int_a^b l_1(x) dx = \int_a^b \frac{x-b}{b-a} \frac{x-c}{b-c} dx = \frac{4h}{3}$$

$$A_2 = \int_a^b l_2(x) dx = \int_a^b \frac{x-a}{c-a} \frac{x-b}{c-b} dx = \frac{4h}{3}$$



BRINCADEIRAS CONDUZEM APRENDIZADO NA ESCOLA

Brincar tem sido o verbo presente na vivência escolar das crianças do Ensino Fundamental. O resultado é a formação de crianças mais curiosas, investigativas e com uma visão de mundo mais rica e tranquila. A psicóloga, escritora e colunista da Folha de São Paulo, Rosely Sayão e a Doutora em Metodologia de Ensino e Educação Comparada, diretora geral acadêmica do Instituto Superior de Educação de São Paulo – iS – Singularidades, Gisela Wajskop falam sobre o tema.

O mundo de hoje é consumista. As crianças não ficam fora disso e, muito mais do que brincar, querem consumir brinquedos. Não lhes foi ensinado como se brinca. Mas se têm a oportunidade de ter essa experiência, elas correspondem de maneira muito positiva. Na escola, inclusive. E aprendem enquanto montam casinhas, recortam sucatas, inventam personagens...

Essas informações, vindas da psicóloga Rosely Sayão, são reforçadas pela experiência que muitas escolas têm feito - inclusive o Objetivo Sorocaba - de ensinar crianças pequenas através do brincar. "O ensino através da brincadeira não é um método pedagógico, mas cria condições para que, ao aprender a brincar, a criança aprenda também a respeito do mundo, percebam que isso exige compromisso e, conseqüentemente, absorvam o conhecimento de que precisam", comenta

Dia desses, Rosely surpreendeu-se positivamente com o depoimento da mãe de uma criança de 4 anos, aluna do Objetivo Sorocaba. Ela pediu que o tema de sua festa de aniversário fosse a escritora Cecília Meirelles.

Logo depois, a mãe de um menino pouquinho mais velho, contou à psicóloga que seu filho pedira pra brincar de cabaninha de índio. Solícita, a mãe foi procurar nas lojas de brinquedos e encontrou o que seu filho pedira. Mas ao abrir o pacote, o menino disse: - ah, não, mãe, eu quero fazer a cabana.

Para Rosely, fatos como esse revelam a positividade do ensino através da brincadeira no caso das crianças pequenas.



“Os brinquedos já vêm prontos e não há muito o que fazer com eles. Esse é um dos aspectos pelos quais a infância vem desaparecendo. Queremos que as crianças aprendam precocemente. Ela até pode ser treinada a conhecer letras precocemente, mas isso significa treinamento e não brincadeira. Crianças podem e devem aprender pelo brincar”, analisa.

Rosely diz que a própria Escola passou aos pais que, quanto mais cedo seus filhos aprendessem, melhor seria. Mas na medida em que isso tem sido revisto, os pais em pouco tempo ficam tranquilos ao perceberem os efeitos do brincar na escola. “A criança passa a ser mais curiosa, mais investigativa e com isso aprende mais. Fica inclusive mais tranquila”, diz.

Experimentar a realidade

Gisela Wajskop, doutora em Metodologia de Ensino e Educação Comparada, comenta: “a brincadeira cria condições para a criança experimentar a realidade, fazer sua apreensão do mundo, para que depois o professor organize esse conhecimento”, explica.

“O jogo de faz-de-conta infantil constitui-se numa atividade na qual as crianças, sozinhas ou em grupo, procuram compreender o mundo e as ações humanas nas quais se inserem cotidianamente. Essa atividade, geralmente, iniciada do 1º e 3º ano, permite que a criança possa utilizar-se de objetos substitutos, ou seja, que esta confira aos objetos significados diferentes daqueles que normalmente os mesmos possuem; que exista uma trama ou situação imaginária, entre outros. Este jogo, ou faz-de-conta, ou brincadeira, como costuma ser denominado pelas próprias crianças, não surge espontaneamente, mas sob a influência da educação. Brincando, a criança penetra num mundo mais vasto do qual se apropria de forma ativa. Toma posse do mundo concreto como um mundo de objetos humanos, com o qual reproduz as relações humanas. A criança vai criando jogos e descobre diferentes aspectos da realidade que vai reconhecendo. O adulto pode colocar-se como um dos participantes da brincadeira, introduzindo um novo objeto ou questionando as crianças sobre o que fazem, o que brincam, como brincam do que necessitam para brincar. Pode colocar-se apenas como observador para, em outro momento, enriquecer o jogo através de atividades dirigidas que ampliem os conhecimentos das crianças. Pode auxiliar na escolha do material, organização do espaço e das crianças”, descreve Gisela.

Para que o jogo infantil seja transformado em recurso pedagógico pré-escolar de construção de conhecimento pelas crianças e como instrumento de organização autônomo e independente das mesmas, é preciso, inicialmente, considerar as brincadeiras que as crianças trazem de casa ou da rua e que organizam independentemente do adulto, como diagnóstico daquilo que já conhecem, seja do mundo físico ou social, assim como do afetivo, ensina.

E é preciso ainda que haja um período em que as crianças e o adulto responsável pelo grupo possam conversar sobre a brincadeira que vivenciaram, sobre as questões que se colocaram, o material que utilizaram, os personagens que assumiram, as crianças com as quais interagiram.

Os ganhos vêm de forma clara e certa.

A Educação vive novos tempos e corre atrás de um prejuízo gerado pela demora na quebra de paradigmas que se registrou nesse departamento da sociedade. Embora criada há mais de 50 anos, a abordagem de Reggio Emília segue à frente de seu tempo e traz uma experiência de contemporaneidade.

Foi-se o tempo em que o professor era o (suposto) detentor do conhecimento e os alunos, meros ouvintes, “esponjinhas” obrigadas a absorver o que lhes era ensinado sem questionar.

“Todos são detentores do conhecimento. E a beleza está justamente em dialogar com essas diferentes maneiras de saber”. É o que afirma Bruna Elena Giacopini, educadora de escolas municipais de Reggio Emilia, na Itália. Ela esteve em Sorocaba junto com Elena Chierici, também educadora italiana, participando de um seminário promovido pela Red Solare Brasil, representada na ocasião por Marília Dourado.

A abordagem de Reggio Emilia foi criada após a segunda guerra mundial e estabelece entre suas prioridades a visibilidade da imagem da criança competente e criativa, incitando a Pedagogia da Escuta, o valor das relações estabelecidas e a parceria com as famílias.

A QUEM PERTENCE O CONHECIMENTO?

Tudo isso de modo a que todos os envolvidos - educadores (professores e pais) e crianças - sejam inseridos na cidade em que vivem e contribuam com ela. “Que saibam que a escola é parte fundamental de uma cidade”, salienta Bruna Elena. Assim, não se trata apenas de uma abordagem pedagógica, mas de processos educativos que envolvem toda a sociedade. A escola é vida.

O conhecimento é uma construção que se faz através de muito diálogo e a utilização dos espaços. Para Bruna Elena, “a escola é envolvimento, tem a ver com todos, educadores, pais e crianças. Que ninguém seja excluído. Isso nos parecem pressupostos para se viver, a curiosidade pelo conhecimento, o seguir um fluxo contínuo com suas peculiaridades”. Tudo tem a ver com relacionamento e participação.

Vale lembrar que a experiência de Reggio Emilia, modelo pedagógico de excelência na educação infantil, foi considerado o melhor do mundo na década de 90. “É uma estrutura que trata a forma de pensar como pertencimento da pessoa, que serve desde os primeiros anos escolares até a universidade, para a vida toda. É um instrumento de identidade, um trabalho que faz a criança aprender a aprender”, finaliza Bruna Elena.

Em Sorocaba, os alunos do 1º ano do Objetivo Sorocaba fizeram várias atividades baseadas na experiência de Reggio Emilia, inspiradas na composição “As Quatro Estações”, de Antonio Vivaldi.”



A revista Y traz cinco sugestões de livros para quem deseja qualidade quando dedica seu tempo para a leitura. São obras escolhidas pelo professor Nelson Fonseca Neto, professor no Objetivo Sorocaba.

46

“Guerra e paz” de Leon Tolstói

Obra máxima de Leon Tolstói, “Guerra e paz”, romance monumental, é daqueles livros que muitos conhecem, mas que poucos leram. Ao descrever o período crucial da invasão napoleônica na Rússia, Tolstói consegue a brilhante síntese de relato histórico minucioso com análise profunda dos movimentos da alma humana. Tolstói, bem antes do surgimento do cinema, lembra o cineasta que sabe manejar perfeitamente a câmera. As cenas de batalhas, que alternam panoramas monumentais com detalhes preciosos da natureza em torno da carnificina que mudaria drasticamente os rumos da vida da Europa, assombram o leitor acostumado com descrições insípidas e cansativas. Não é ousadia afirmar que “Guerra e paz” representa o ponto alto da arte do romance.

“Ópera de sabão” de Marcos Rey

Lamentavelmente, muitas vezes associamos literatura à sisudez. Mais ou menos como se, para ser respeitável, uma obra devesse ser pomposa e solene. Por sorte, temos “Ópera de sabão” para desmanchar tal equívoco. Mais conhecido como autor de obras destinadas ao público juvenil, Marcos Rey, nesse seu romance de maturidade, resgata o momento em que a era do rádio começa a ceder lugar à era da televisão. Com um pano de fundo desses, somos hipnotizados por uma trama temperada com humor fino e visão aguda da história do Brasil num arco que começa nos anos 50 e termina nos anos 60.

“A brincadeira favorita” de Leonard Cohen

Há, na história da literatura, situações enigmáticas. Muitos conhecem “O apanhador no campo de centeio”, de Salinger. Com muita razão, o romance que narra o processo de amadurecimento de Holden Caulfield figura entre as obras incontornáveis do século 20. Todavia, por conta dessas injustiças frequentes no mundo literário, “A brincadeira favorita” ficou por muitos anos esquecida. Nada mais cruel com um romance que, com delicadeza ímpar, acompanha os episódios da vida do jovem Breeman. Num momento em que muitos tentam compreender os ritos de passagem para a vida adulta, vale a pena fazer a dobradinha de “A brincadeira favorita” com “O apanhador no campo de centeio”.

“Meio intelectual, meio de esquerda” de Antonio Prata

Textos breves são armadilhas para seus autores. Para ser respeitado, o sujeito precisa escrever um tijolo de quase mil páginas. Quando falamos de crônica, o problema fica mais agudo. Normalmente, por sair em jornais ou revistas, a crônica é vista como a prima pobre de gêneros mais solenes. Certo, mas o que fazemos com Rubem Braga, Otto Lara Resende, Nelson Rodrigues, Elsie Lessa, Antonio Maria, Humberto Werneck e Antonio Prata? São cronistas cujas obras enobreceriam qualquer literatura. Dessa tradição tipicamente brasileira, destacamos Antonio Prata, que se vale das melhores ferramentas do gênero: o humor afiado, o olhar para a importância das pequenas coisas, a percepção do tempo que escorre por entre os dedos e a intimidade com o leitor. Nessa antologia de seus melhores textos, o leitor encontrará a grandiosidade das pequenas coisas.

“Grandes esperanças” de Charles Dickens

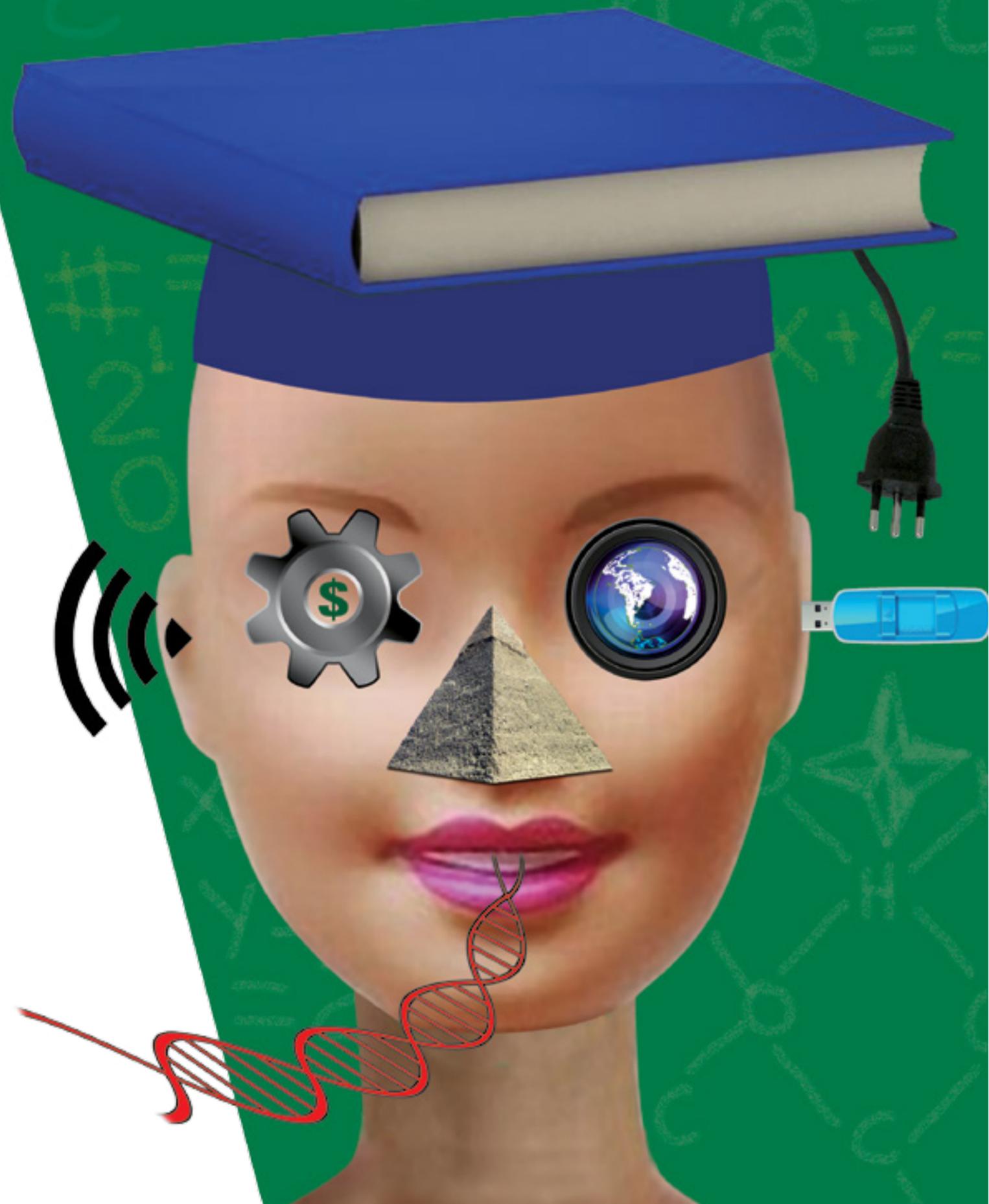
Às vezes precisamos de pratos fortes. A vida perderia a graça se ficássemos apenas nas comidas leves. Todos temos fome de fortes emoções. Do contrário, os romances de terror e mistério mofariam nas prateleiras das livrarias. Representante maior de uma linhagem que sacode os nervos dos leitores, Dickens foi o autor mais lido e mais amado de sua época. Se levarmos em conta que o século 19 é o período de ouro do romance, o que aconteceu com o autor inglês é algo espantoso. Encontramos, em “Grandes esperanças”, o apogeu da arte de Dickens. O leitor deve se preparar para as gargalhadas e lágrimas. Deve se preparar para as reviravoltas da trama que sacodem nossas expectativas. Deve se preparar, também, para conhecer uma daquelas personagens inesquecíveis da literatura, a senhora Ravisham. Depois de “Grandes esperanças”, muitos dos enredos de novelas e seriados passam a ter o sabor de uma salada sem tempero.

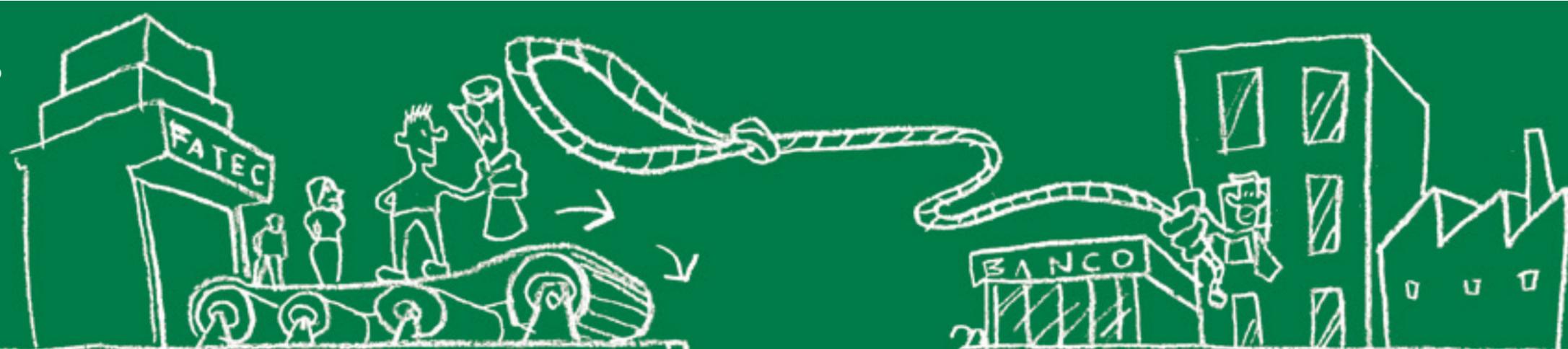
Esses livros estão disponíveis nas grandes livrarias, nos sites que comercializam literatura, entre eles o www.estantevirtual.com.br, que reúne inúmeros sebos do Brasil.

47

UNIVERSIDADE PÚBLICA VAI MUITO ALÉM DA GRATUIDADE

Um bom profissional se reconhece pela sua formação. Mais do que um tópico no currículo, a instituição que está por trás da base do seu conhecimento técnico e acadêmico pode ser um demonstrativo do nível de qualidade e preparo desse profissional.





Embora o Brasil disponha de muitas faculdades e universidades particulares de excelência, é certo que as universidades públicas se destacam no cenário nacional pelo nível de formação que oferecem a seus estudantes. Além da questão da gratuidade, esse reconhecimento do mercado sobre a qualidade do ensino proporcionada pela maioria das instituições públicas de ensino superior, é o que motiva a grande concorrência que se observa em seus vestibulares.

O diretor da Faculdade de Tecnologia (Fatec) de Sorocaba, pioneira em ensino superior gratuito na cidade, Antônio Carlos de Oliveira, afirma que uma pesquisa realizada nas faculdades do Centro Paula Souza, em 2011, dentro do Sistema de Avaliação Institucional (SAI), demonstrou que, além da gratuidade, os principais motivos que levaram à escolha da Fatec foram a qualidade do ensino (95%), o nome reconhecido no mercado (93%), além da indicação por conhecidos (73%). “Isso denota a nossa qualidade e a credibilidade junto à sociedade”, comenta.

O coordenador executivo do câmpus Sorocaba da Unesp, professor doutor Antônio César Germano Martins, considera que uma questão de extrema importância que garante a qualidade da formação dos alunos por grande parte das universidades públicas é titularidade do corpo docente.

Ele afirma que, enquanto muitas instituições particulares se beneficiam de uma Lei Federal que obriga a manter no máximo 30% do corpo docente com titulação de mestres e doutores, as universidades públicas como a Unesp, USP, Unicamp, e na maioria das federais, o corpo docente é contratado com nível de, no mínimo, doutor. “Por isso as ilhas de excelência estão exclusivamente nas universidades que podem oferecer corpo docente titulado, na maioria das vezes em programas de pós-graduação. E este nível é repassado ao aluno, que por sua vez se beneficia de melhores condições de ensino”.

Essa opinião é compartilhada pela coordenadora acadêmica do câmpus de Sorocaba da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), Ana Lúcia Brandi. “Creio que o corpo docente qualificado traz um diferencial na formação dos alunos, bem como as atividades de extensão, de pesquisa e mesmo culturais desenvolvidas durante a realização dos cursos de graduação nas universidades públicas”, destaca.

Sintonia com o mercado

Para manter essa excelência em ensino, as universidades públicas têm que se manter em sintonia com as evoluções e necessidades do mercado de trabalho, além de investir em sua atualização. O diretor da Fatec garante que a instituição se empenha em manter suas instalações sempre atualizadas e se vale das novas tecnologias disponíveis como apoio às aulas teóricas e práticas que simulam ou, muitas vezes, produzem o ambiente profissional do futuro tecnólogo.

O coordenador executivo da Unesp Sorocaba diz que as universidades públicas paulistas têm se beneficiado da autonomia administrativa e financeira para direcionar os investimentos feitos com os recursos provenientes do recolhimento do ICMS (Impostos sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) estadual. Na Unesp, cita ele, nos últimos cinco anos, a Pró-Reitoria de Graduação criou um programa de melhoria de infraestrutura para o ensino de graduação que proporcionou a reestruturação de boa parte de seus equipamentos didáticos de laboratório.

A implantação de novos cursos, que atendam as necessidades do mercado, também é uma preocupação constante. Antônio Carlos de Oliveira, comenta que a pesquisa das necessidades do mercado é um dos principais índices utilizados na escolha dos cursos para implantação nas Fatecs. Em Sorocaba, os cursos de Tecnologia em Eletrônica Automotiva e Processos Metalúrgicos vieram justamente atender o cenário que se criou na cidade, com a instalação do Parque Tecnológico e a vinda de indústrias automotivas, complementando a grade de cursos que já são direcionados aos mercados em ascensão.

O diretor antecipa que a unidade estuda a implantação de mais quatro novos cursos nas áreas de Tecnologia em Informação, Ambiental, Saúde e Construção, mas que ainda não tem data para acontecer. “O resultado da pesquisa do Sistema de Avaliação Instituição sobre a absorção dos profissionais formados pela Fatec Sorocaba demonstra que estamos no caminho certo, já que o índice de empregabilidade dos nossos alunos é de 98%”.

Esse retorno do mercado também é observado por Antônio César Martins. Segundo ele, existe uma forte inserção dos alunos formados na Unesp pelas empresas, sendo que muitas delas os procuram antes mesmo de estarem graduados para atuarem como estagiários e trainee. Em relação aos novos cursos, embora existam projetos de implantação, ele diz que infelizmente Sorocaba ficou de fora da última ampliação promovida pela Unesp, porque o câmpus da cidade não dispõe de área adequada para receber novos cursos.

“Parece estranho, mas o ensino médio gratuito em São Paulo não dá condições para o aluno competir com alunos da rede particular. É um desequilíbrio que precisa ser corrigido”

A coordenadora da UFSCar em Sorocaba afirma que a instituição tem priorizado no momento a estrutura dos cursos atuais, já que o câmpus é relativamente novo. Mas, paralelamente a isso, ela diz que já iniciaram processos internos de estudo de viabilidade para a implantação de novos cursos, mas sua efetivação depende da aprovação do MEC para a destinação de investimentos necessários para essa ampliação, como a construção ou reestruturação dos prédios existentes, além da contratação de docentes e funcionários.

Mas o maior dos desafios das universidades públicas é mesmo a ampliação do número de vagas que permita o atendimento da crescente demanda de jovens. “Esse é desafio importante, pois o crescimento de uma faculdade pública deve estar sempre compromissado com a sua qualidade de ensino”, pondera o diretor da Fatec. Para o coordenador da Unesp Sorocaba, essa ampliação no número de vagas deve ser direcionada principalmente para os alunos provenientes do ensino médio público. “Parece estranho, mas o ensino médio gratuito em São Paulo não dá condições para o aluno competir com alunos da rede particular. É um desequilíbrio que precisa ser corrigido”, defende.

Alvo de polêmicas, o Exame consolida-se cada vez mais como um canal para a realização de muitos estudantes, como é o caso de Túlio Casagrande Alberto

ENEM É O CAMINHO PARA A UNIVERSIDADE PÚBLICA

Quando tinha 17 anos, Túlio Casagrande Alberto tinha muitas dúvidas sobre que profissão seguir. Prestou vestibular e passou em Letras na Unesp e em Turismo na Universidade de Sorocaba (Uniso). Uma série de circunstâncias o fizeram optar pela segunda. Estudou utilizando os benefícios do ProUni. Ao final do curso, passou por algumas experiências profissionais. Mas como muitos jovens de sua geração, optou por fazer uma nova graduação. Hoje está no segundo ano do curso de Ciências da Computação, na Ufscar de Sorocaba, com grandes sonhos e perspectivas profissionais. Passou por meio do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) que é hoje a ponte de acesso à maioria das universidades públicas do país e também à obtenção de bolsas de estudo, integrais e parciais, em mais de 1.300 universidades particulares das diferentes regiões do Brasil, por meio do ProUni.



Apesar de toda a polêmica e escândalos de fraudes que marcam os seus 14 anos de existência, o Enem ainda é uma ferramenta decisiva para os estudantes que se preparam para ingressar na universidade. Tanto que os colégios e cursinhos de todo o país se empenham em preparar seus alunos, por meio de conteúdos específicos e simulados, para conseguirem uma boa pontuação no exame.

Em 2012, o Enem marcou um recorde de inscrições, com quase 5,8 milhões de candidatos para as provas que aconteceram nos dias 3 e 4 de novembro. Para garantir maior segurança na sua aplicação, o Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais) anunciou recentemente uma série de medidas, incluindo precauções que vão desde a preparação das questões que serão escolhidas por especialistas, até a impressão e distribuição das provas.

Os inscritos também passaram a dispor do Guia do Estudante, com orientações de como acontecem as avaliações, as correções, como solucionar as dúvidas, entre outras.

Como funciona

Embora tenha sido criado em 1998, com o objetivo de avaliar anualmente o aprendizado dos alunos egressos do Ensino Médio, o Enem passou a ser utilizado como ingresso em cursos superiores a partir de 2009, dentro de uma proposta do Governo de unificar o concurso vestibular das universidades federais brasileiras.

Com o novo modelo, o total de questões passou de 63 para 180, além da redação. A aplicação das provas também passou de um para dois dias. Além disso, foi adotada a Teoria da Resposta ao Item (TRI) na formulação da prova, o que permite que as notas obtidas em edições anteriores sejam comparadas e até mesmo utilizadas para ingressos nas instituições de ensino superior.

O modelo de prova do Enem é o mesmo usado desde 2009. As 180 questões são divididas em quatro áreas de conhecimento: Ciências da Natureza e suas Tecnologias (Biologia, Física e Química); Ciências Humanas e suas Tecnologias (História, Geografia, Filosofia e Sociologia); Línguas Códigos e suas Tecnologias (Língua Portuguesa, Literatura, Língua Estrangeira – inglês ou espanhol, Artes, Educação Física e Tecnologias da Informação e Comunicação), e Matemática.

Cada área tem um total de 45 questões de múltipla escolha com cinco alternativas. Para evitar fraudes, a prova é realizada em quatro versões identificadas por cores (amarela, branca, rosa e azul). O que difere uma prova da outra é a ordem das questões e alternativas, mas os conteúdos das provas são os mesmos.

Veja como funciona:

Sisu – O programa, que seleciona estudantes para instituições federais e estaduais de ensino superior, teve sua primeira edição em 2010. Ele acontece duas vezes por ano (primeiro e segundo semestre), e para se candidatar é imprescindível que o estudante tenha feito o Enem, pois é a partir da nota do exame que o estudante pode pleitear uma vaga.

No Sisu 2012/2, que corresponde ao segundo semestre deste ano, 56 instituições de ensino superior de todo o país disponibilizaram um total de 30.548 vagas. Para se candidatar às vagas, o estudante deve acessar o site do Sisu (sisu.mec.gov.br), informar o número de inscrição no Enem e escolher, por ordem de preferência, até duas opções nas vagas ofertadas pelas instituições participantes do programa. A inscrição é gratuita.

A seleção é feita a partir da pontuação do estudante no Enem e o resultado fica disponível no site do Sisu.

O Enem é uma prova diferente dos vestibulares tradicionais por ter como característica a transdisciplinaridade, ou seja, a formulação das questões se baseia no uso de duas ou mais disciplinas aprendidas no ensino médio para a obtenção da resposta.

Desde a implantação da segunda versão do Enem, o sistema de correção das redações sofreu muitas críticas. Em função disso, a partir de 2012, os critérios para correção foram alterados, com a diminuição da discrepância necessária entre as notas dos dois corretores para que a redação seja avaliada por um terceiro corretor.

Onde é utilizado

O resultado do Enem é utilizado para o acesso ao ensino superior em universidades públicas brasileiras por meio do Sisu (Sistema de Seleção Unificada) e também para a aquisição de bolsas de estudo integrais ou parciais em universidades particulares por meio do ProUni.



PROFISSIONAIS ATESTAM O DIFERENCIAL DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS

A formação em uma universidade pública é o diferencial de muitos profissionais que passaram pelas salas de aula do Objetivo Sorocaba e hoje despontam em suas carreiras. Cientes da qualidade do ensino proporcionado por essas instituições e do reconhecimento do mercado que os aguardava, eles conseguiram superar a barreira da concorrência com muito estudo e garantem que valeu a pena o esforço e dedicação por essa busca.

O dentista Carlos Arruda Neto conta que, quando estudante, sempre teve como foco as universidades públicas. Aprovado em duas reconhecidas instituições, a USP e a Unesp, ele optou pela primeira, por ser na época, e ainda hoje, considerada uma universidade de excelência, onde se formou em 1986.

Quando iniciou o curso, ele teve a confirmação de todo o potencial de ensino da universidade. “Os professores eram preparadíssimos, tínhamos boas condições laboratoriais e desfrutávamos da vanguarda da ciência tecnológica que chegava a nós em primeiro lugar”, recorda. Por ser um dos vestibulares mais concorridos, os alunos que entravam na USP eram os mais qualificados, afirma Carlos, o que proporcionava uma grande troca de conhecimento e também obrigava a todos a corrigirem suas deficiências.

Com base na sua experiência, o dentista Carlos Arruda Neto considera que os jovens hoje também podem buscar essa formação, bastando para isso apenas mais “garra” e dedicação nos estudos.



ProUni - O Programa Universidade para Todos (ProUni), criado em 2004, oferece bolsas de estudos de 50% ou 100% da mensalidade em faculdades particulares. A bolsa integral é para estudantes com renda familiar, por pessoa, de até um salário mínimo e meio (R\$ 933). A bolsa parcial é destinada aos estudantes com renda familiar, por pessoa, de até três salários mínimos (R\$ 1.866).

O cadastro acontece duas vezes por ano (primeiro e segundo semestres). No primeiro semestre de 2012, foram oferecidas 195.030 bolsas de estudo, sendo 98.728 bolsas integrais e 96.302 bolsas parciais em 1.321 instituições de ensino superior de todo o país.

Para se inscrever, é imprescindível que o estudante tenha feito Enem e obtido pelo menos 400 pontos de média nas cinco provas do exame. A inscrição gratuita é feita no site do programa (siteprouni.mec.gov.br), onde o candidato deve informar o CPF e número de inscrição do Enem. O candidato escolhe, por ordem de prioridade, até duas opções de cursos de seu interesse em uma ou mais instituições e o tipo de bolsa (integral ou parcial).

A seleção é feita de acordo com suas notas no Enem e ocorre em duas chamadas. As bolsas do ProUni valem para toda a duração do curso, mas para continuar recebendo o benefício o estudante precisa ser aprovado, no mínimo, em 75% das disciplinas cursadas em cada período letivo.



mercado

Cartão de visitas

O engenheiro elétrico Marcos Madureira é outro defensor das universidades públicas e faz questão de incentivar seus filhos, parentes e amigos a buscarem sua formação nessas instituições. Com graduação e mestrado pela Unicamp, ele sabe do que está falando. “As universidades públicas têm foco no ensino e na pesquisa, atraindo os melhores professores, inclusive com a exigência de titulação dos docentes, proporcionando uma grande concentração de doutores”.

Outro ponto diferencial, destaca ele, é que a maioria delas possui convênios com outras instituições nacionais e internacionais que possibilitam o intercâmbio de alunos e professores, proporcionando uma constante atualização. “Além de todas essas qualidades relacionadas ao ensino, a universidade pública é um cartão de visitas importante para abrir as portas para o mercado de trabalho. A concorrência é grande, mas é justamente por vencer esta concorrência que as empresas valorizam aqueles que se formam nestas universidades”.

Marcos Madureira faz questão de frisar também que os jovens que têm uma formação de qualidade no Ensino Médio, como o caso dos alunos do Objetivo Sorocaba, estão muito mais preparados para enfrentar a concorrência dos vestibulares. “No meu ponto de vista, estes alunos concorrem não mais do que com cinco outros com as mesmas condições de escola e oportunidades em casa”, avalia.



Referência de ensino

O médico Rodolfo Pinto Machado de Araújo Filho abriu mão de cursar uma universidade privada, na qual tinha sido aprovado e, inclusive passado pelo famoso trote, quando foi chamado para a Faculdade de Medicina da Unesp de Botucatu. Depois de enfrentar o vestibular mais concorrido do Brasil daquele ano, ele não titubeou em assumir sua vaga. “Além de pertencer a uma universidade pública, a Faculdade de Botucatu tinha boas referências do ensino, sendo que a maior parte dos docentes trabalhava em regime de dedicação exclusiva”.

A escolha teve o aval do seu pai, também médico e, na época, docente da Faculdade de Medicina de Sorocaba (PUC), que sempre destacou as qualidades da Faculdade de Botucatu. Durante o curso, ele teve a confirmação dessa metodologia diferenciada proporcionada pela instituição, garantindo o equilíbrio entre ensino, pesquisa e assistência, com professores titulados e que permitiam uma interatividade com os estudantes, graças ao período integral em que permaneciam na faculdade.

Outro fator importante destacado por ele foi a convivência com colegas de diferentes origens e classes sociais, aprovados apenas pelo mérito próprio e que não teriam condições de cursar Medicina se não estivessem em uma universidade pública. “Por todas essas razões, meu conselho aos estudantes do Ensino Médio é que se dediquem ao máximo, que se preparem com seriedade para o Enem e para os vestibulares das melhores universidades. A concorrência não deve ser motivo de desânimo, mas de motivação para a admissão aos melhores cursos”, orienta.



A definição da profissão é um dos dilemas que exerce maior pressão nos jovens e adolescentes. Mesmo antes de ter claramente estabelecidas suas aptidões, interesses e aspirações, eles têm que fazer uma escolha que poderá impactar diretamente a sua realização pessoal e profissional pelo resto da sua vida ou, pelo menos, boa parte dela.

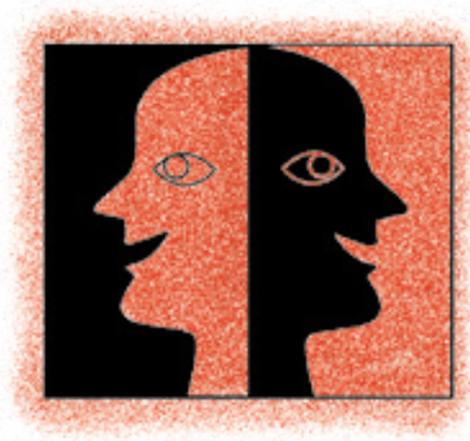
ADMIRÁVEL MUNDO NOVO... DAS PROFISSÕES

61

O leque de opções de carreira que se abre hoje é imenso e diversificado. Embora as profissões clássicas ainda povoem os sonhos de grande parte dos pais, os jovens se mostram cada vez mais confusos diante de tantas possibilidades de carreiras que despontam no mercado de trabalho.

Mesmo as profissões seculares, como medicina, advocacia e engenharia estão ganhando novos perfis e atribuições que não se limitam mais aos consultórios, tribunais ou canteiros de obras. Essa transformação do mercado de trabalho tem motivado uma série de pesquisas, dentro e fora do Brasil, na tentativa de se buscar um entendimento maior sobre esse cenário do século 21, que pelo menos possa nortear a escolha de uma carreira pelos jovens, além de direcionar as instituições de ensino na preparação desses futuros profissionais.





Um dos trabalhos mais abrangentes já realizado pelo assunto em nível mundial foi desenvolvido pela consultoria inglesa FastFuture. O estudo “The Shape of Jobs to Come” (Como serão os empregos) apontou as carreiras mais promissoras nos próximos vinte anos.

A maior parte delas se concentra em áreas como internet, meio ambiente, demografia e tecnologia. O que mais chama a atenção na maioria das profissões elencadas neste estudo é a integração entre várias áreas do conhecimento como requisitos para atender as demandas dessas carreiras emergentes.

No Brasil, o departamento de Pesquisas e Estatísticas da Firjan (Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro) concluiu em fevereiro deste ano o estudo “Perspectivas Estruturais do Mercado de Trabalho na Indústria Brasileira - 2020”. O estudo, conduzido pela Fundação Getúlio Vargas (FGV/RJ), envolveu 402 empresas brasileiras que empregam 2,2 milhões de pessoas de 26 grupos de atuação nas indústrias extrativas, de transformação e da construção civil. O objetivo foi identificar as perspectivas do mercado de trabalho, no que se refere a contratação e requisitos de formação educacional para carreiras em empresas industriais brasileiras, tendo como horizonte o ano de 2020.

Novo perfil

Embora a formação técnica e universitária seja o mínimo necessário para se exercer a maioria das atividades identificadas tanto numa pesquisa como na outra, também foi identificada uma necessidade de especialização maior na área de atuação, além de uma abrangência de conhecimento. Essa mudança de conceito em relação à expectativa do mercado diante desse novo perfil de profissionais tem sido acompanhada de perto pelo especialista em Recursos Humanos, Maurício Micheletti, diretor da Hellet Consultoria em RH e consultor de negócios brasileiros da Coleman Research Group (EUA). Ele afirma que a mudança nos modelos de negócios vão necessariamente gerar mudanças nas profissões que conhecemos hoje.

Além da procura por profissionais mais independentes, criativos e responsáveis, as empresas buscam também um novo perfil de atuação, até mesmo dentro das carreiras ditas tradicionais. Micheletti revela que o Brasil vive um momento de grande carência de profissionais qualificados em quase todas as áreas, principalmente aqueles com formação em ciências exatas, como engenharia, além de biólogos, matemáticos, contadores, entre outros, mas que tenham uma visão ampla de mercado. “As empresas precisam de psicólogos que entendam de administração, de advogados que entendam de meio ambiente, de mais engenheiros

dispostos a atuar em áreas técnico-comerciais e assim por diante”, alerta.

Atuando também como professor de MBA, ele reconhece que, infelizmente, uma grande parcela das instituições de ensino superior ainda não se adequaram a essas novas necessidades na formação dos futuros profissionais. Outro aspecto que considera indispensável nesse processo é a preparação desses jovens como futuros empreendedores, já que muitos deles atuarão dentro do seu próprio negócio nos próximos anos e, para isso, não basta mais uma obstinação pessoal para que se alcance o sucesso. “Os grandes fundos de investimento em startups do mundo estão olhando para o nosso país em busca de oportunidades, o que é ótimo; mas é preciso que esses futuros empreendedores estejam preparados para isso”, destaca.

Embora considere que as pesquisas de mercado sobre as profissões mais promissoras sejam uma ferramenta importante para indicar as tendências

“Não acredito que se deva escolher uma faculdade ou uma carreira baseada apenas em tendências de mercado”



futuras para carreiras de sucesso, o consultor considera que o melhor ingrediente para a escolha da profissão ainda é fazer o que realmente se gosta. “Não acredito que se deva escolher uma faculdade ou uma carreira baseada apenas em tendências de mercado”, enfatiza. Como exemplo do erro que uma escolha baseada em modismo pode levar, ele cita um fenômeno que ocorreu na década de 90, em que milhares de jovens tornaram-se publicitários embalados pela esteira do sucesso da publicidade brasileira na época. “O resultado foi uma grande massa de publicitários atuando em outras áreas.”

Micheletti cita a sua própria experiência para demonstrar como uma escolha profissional baseada na preferência pessoal pode se refletir no reconhecimento do mercado. Embora atue como consultor de RH, ele tem como base da sua formação profissional a Faculdade de Filosofia. “Eu fiz o que eu queria fazer e isso acabou se tornando meu principal diferencial na carreira”.

Internet na veia

Luiz Algarra, considerado hoje um dos mais completos profissionais de comunicação, que atua como designer de fluxos de conversação e consultor de ativação de redes sociais e aprendizagem informal, entre outras tantas atribuições, tem uma visão revolucionária quanto aos alicerces em que devem estar ancorados os futuros profissionais.

Para ele, mais que uma especialização, vale um conjunto de habilidades bem equilibradas, como a capacidade de se adaptar à mudança repentina de cenários, a aquisição de novas habilidades e, especialmente, saber trabalhar em equipe, compartilhando e construindo conhecimento e incorporando a inovação como dinâmica profissional básica.

Na visão de Algarra, engana-se quem considera que o jovem não está atento a esse dinamismo todo que envolve as relações profissionais e pessoais. “A geração Y já entendeu que daqui a dez anos estarão em profissões que ainda nem existem. Então, a atitude desses jovens é de pesquisa e compartilhamento de informação. Eles agem em rede rastreando tendências e apostando em novos rumos profissionais”.

Todo esse dinamismo é consequência do espaço que a tecnologia vem ocupando na vida de todos. Algarra cita que a cada trinta dias, consomem-se mais imagens, textos, sons e vídeos, do que as gerações anteriores absorviam em um ano. E toda essa produção exige uma multidão de pessoas produzindo, organizando e compartilhando dados. “Aí estão as novas profissões. Antes ser um autor era privilégio de poucos, hoje é quase uma

habilidade indispensável no mercado de trabalho dos meios digitais”.

Diante desse cenário transformador, constata Algarra, os pais, que antes eram os que exerciam maior influência na decisão dos filhos sobre a carreira a seguir, pouco podem contribuir, já que grande parte deles não sabe exatamente o que está acontecendo com o mercado. “A trajetória profissional da geração anterior não serve de modelo. Por outro lado, eles podem atrapalhar muito o desenvolvimento profissional de seus filhos se insistirem em uma escolha tradicional de carreira com anos de especialização em alguma profissão clássica”, alerta.

A melhor atitude, defende ele, é confiar nos jovens, aceitando e facilitando todo tipo de oportunidade que surgir, respeitando a intuição dos filhos e, sobretudo, mantendo uma conversa aberta sobre as conquistas e dificuldades que vivenciam. Algarra garante que isso não é apenas teoria. Na prática, ele já tenta aplicar essa filosofia com seus próprios filhos. “Incentivo meus filhos a serem livres e felizes em seus caminhos profissionais. O fundamental é mover-se com paixão e interesse, não apenas pelo retorno financeiro imediato”.

A sua própria carreira é um retrato dessa inquietação em busca da realização. Formado em jornalismo, ele atuou em televisão e vídeo por dez anos. Quando chegou a Internet, largou tudo e “entrou de cabeça”, passando por todas as áreas da web, durante quinze anos. Nos últimos sete anos, passou a trabalhar como consultor para relações em rede de inovação e aprendizagem. “Fui me formando continuamente. Hoje possuo diversas habilidades e sou uma pessoa realizada dentro dos meus parâmetros”.



Meio ambiente em alta

Há 26 anos, se alguém dissesse que faria uma faculdade de Ecologia, certamente muitos veriam nessa escolha o caminho certo para o insucesso ou limitação profissional. Mesmo quem optou por essa carreira como pura vocação não tinha ideia de quantas oportunidades se abririam pela frente em diferentes frentes de atuação.

Em 1986, ao entrar para a faculdade de Ecologia do câmpus da Unesp (Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho), em São Carlos, a única da América Latina, Carlos Alberto Silva estava decidido a trilhar pela área da pesquisa aplicada e seguir na carreira acadêmica. Já no desenvolver do curso, essa perspectiva se abriu, pois a própria grade curricular trazia disciplinas relacionadas aos controles ambientais de processos produtivos. “Estava iniciando a abertura de um novo mercado em função da legislação ambiental que entrava em vigor. Com isso, houve uma ampliação nas oportunidades na indústria e em empresas de consultoria ambiental”, recorda.

Ainda assim, reconhece que tentou seguir aquilo a que havia se proposto ao optar pela formação em Ecologia e iniciou sua carreira realizando pesquisa básica. Depois de experiências com jacarés, no Pantanal, e insetos e aranhas, na Amazônia, decidiu aceitar uma proposta para trabalhar na área de controle ambiental em uma indústria de celulose no Sul do país. Essa experiência o levou a atuar posteriormente em uma empresa de engenharia ambiental, já na capital paulista, realizando projetos de licenciamento e estudos ambientais.

Em 2.000, um novo desafio. Uma empresa de auditoria financeira o chamou para a área de gestão de riscos ambientais, especialmente na avaliação de contingências ambientais em aquisições e fusões de empresas. “Essa foi uma oportunidade que nunca imaginava que esse mercado abriria. Estou atuando nele até hoje, porém a área de atuação ampliou bastante”.



Com a experiência de quem cresceu dentro da carreira e vivencia diariamente essa realidade, o ecólogo Carlos Alberto Silva garante que as perspectivas para profissionais especialistas em meio ambiente são excepcionais. “É crescente a demanda por profissionais não só na indústria, mas também em setores que não se imaginava há alguns anos, como, por exemplo, no mercado financeiro para avaliação de riscos ambientais, na concessão de crédito”, afirma.

Mas, como em todas as áreas, para se destacar no mercado é importante que o conhecimento não se limite à sua formação específica. “Os profissionais com conhecimento em aspectos financeiros e em administração têm sido um diferencial. Mas, de qualquer forma, há espaço e demanda para os mais variados perfis”, garante.

AS PROFISSÕES COM MAIOR POTENCIAL NOS PRÓXIMOS 20 ANOS

Na Internet

Analista de redes sociais – Faz o monitoramento da imagem de uma empresa na internet. Desenvolve planos de comunicação e marketing e produz informação para as redes sociais, como Twitter e Facebook. Profissional deve ter formação em publicidade, jornalismo ou relações públicas.

Analista de palavra-chave – Estabelece estratégias eletrônicas para colocar determinada página entre as primeiras a aparecer em pesquisas nas ferramentas de busca, como Google e Yahoo. O profissional deve ter formação em análise de sistemas, tecnologia da informação e graduação ou especialização na área de marketing.

Gerente de e-commerce – Atua nos processos de logística, de compra e venda de produtos e de cobrança. Profissional deve ter formação em economia, marketing, administração ou engenharia (produção, computação, eletrônica ou telecomunicação).

Especialista em ferramentas de inovação – Cria sites, aplicativos ou games para identificar desejos e necessidades do consumidor. A partir dos resultados, desenvolve novos produtos. Profissional deve ter formação em design, publicidade, ciência da computação ou engenharia de telecomunicações.



Nas Ciências

Bioinformática – Faz a leitura e interpretação de dados de equipamentos ultramodernos, como as máquinas de sequenciamento de DNA. Profissional deve ter formação em biologia, física ou engenharia, com pós-graduação em bioinformática.

Biotecnólogo – Desenvolve produtos a partir de culturas de bactérias e plantas, tanto para a área médica, como vacinas e remédios, como para as indústrias de bebidas e de alimentos. Na agroindústria, aprimora as lavouras e recupera áreas degradadas. Profissional deve ter graduação ou pós-graduação em biotecnologia.

Nanotecnólogo – Atua em todas as áreas da nanotecnologia, ramo da ciência especializado em forjar novas estruturas e materiais a partir do rearranjo de átomos e moléculas. Profissional deve ter graduação em nanotecnologia ou formação em física, química e biologia, com pós-graduação em nanotecnologia.

Geofísico – Trabalha na prospecção de petróleo, lençóis freáticos e jazidas de minério e na avaliação do solo para a construção de túneis e rodovias. Profissional deve ter graduação em geofísica.

Na engenharia

Engenheiro de petróleo – Trabalha na prospecção de petróleo, nas atividades de refino e na logística (transporte, distribuição e comercialização dos produtos). Profissional deve ter formação em engenharia de petróleo ou pós-graduação em petróleo e gás.

Engenheiro de energia – Planeja e desenvolve sistemas de geração, transmissão, distribuição e uso de energia tradicional ou renovável. Profissional deve ter formação em engenharia de energia, elétrica, mecânica ou de produção.

No entretenimento

Desenvolvedor de aplicativos – Faz o planejamento, programação, execução, distribuição e manutenção de aplicativos para celulares e tablets. Profissional deve ter formação em design, engenharia, sistemas de informação ou ciências da computação.

Game designer – Elabora roteiros, cria personagens e cenários de videogame. Profissional deve ter graduação em design de games ou formação em engenharia, arquitetura e artes com especialização em computação gráfica.

Artista digital em 3D – Cria personagens, vinhetas, cenários e maquetes virtuais. Profissional deve ter formação em design, engenharia, arquitetura, publicidade ou artes com especialização em computação gráfica.

Sound designer – Cuida do áudio de games, animações, vinhetas e anúncios publicitários. Profissional deve ter formação em música com especialização em animação ou game design.

Saúde

Gerontólogo – Garante a qualidade de vida dos mais velhos. Entre suas atribuições, estão a organização da rotina doméstica, das finanças à inserção dos idosos em atividades sociais. Profissional deve ter formação em psicologia, fisioterapia ou enfermagem com pós-graduação em gerontologia.

Farmacoeconomista – Faz análises sobre a viabilidade econômica de um remédio. Precisa estudar a demanda e reunir dados objetivos sobre o custo-benefício do produto. Profissional deve ter graduação em farmácia com noções de economia ou formação em economia com noções em farmácia.

Cirurgião robótico – Realiza cirurgias de alta complexidade, especialmente oncológicas, com o uso de aparelhos robóticos. Profissional deve ter formação em medicina e treinamento intensivo em cirurgia robótica.

Gerente de doenças crônicas – Monitora os tratamentos mais procurados pelos clientes de planos de saúde com o objetivo de estudar novos serviços ou ações de prevenção em áreas específicas (como cardiologia e endocrinologia). Profissional deve ter formação em medicina, enfermagem e administração com especialização em gestão hospitalar.

Meio ambiente

Consultor em sustentabilidade – Estuda o impacto ambiental de um empreendimento e apresenta soluções para minimizá-lo. Também aconselha seus clientes a adotarem posturas sustentáveis para fortalecer a imagem da companhia. Profissional deve ter formação em administração, direito e engenharia com especialização em gestão ambiental.

Hidrólogo – Avalia o potencial energético e o impacto ambiental de hidrelétricas, elabora políticas para redução do consumo e busca soluções para irrigação agrícola. Profissional deve ter formação em engenharia civil ou ambiental e geologia.

Fonte: Consultoria FastFuture (Pesquisa “Como serão os empregos”/ The Shape of Jobs to Come)

Como é que os nossos jovens veem a cidade em que vivem? Eles são protagonistas da história de Sorocaba? Na posição de cidadãos, se revelam surpresos com o que os espera num tempo que já se aproxima.

71

UMA ESPIADINHA NO FUTURO

O percurso é longo e parece levar tempo suficiente para chegar ao futuro. Quatro alunos do Ensino Médio do Objetivo Sorocaba toparam o desafio de conhecer a Empresa Municipal Parque Tecnológico de Sorocaba (Empts) e puderam dar uma “espiadinha” no futuro da cidade. E saíram de lá com a convicção de que Sorocaba vai se beneficiar - e muito - com o Parque. E mais: também contemplaram a possibilidade de fazer parte desse contexto.

Giovanna Fiorindo Soranz pensa em ser médica; Giovanni Gozzano Micheletti ainda tem dúvidas, Lucas de Macedo quer Engenharia Civil e Luiz Renato Tezotto de Moura Haro Firmo sonha ser jornalista.

Para qualquer profissão que sigam, podem um dia frequentar o Parque Tecnológico. Denise Licia Boni de Oliveira, da comunicação institucional da Empts, e também professora da Esamc, explicou aos estudantes: se vocês um dia quiserem fazer uma pesquisa, poderão encontrar espaço aqui, nos laboratórios das universidades que aqui se instalarão - desde a Unesp até a Ufscar, por exemplo. E até simulou a possibilidade de Giovanna frequentar um laboratório do Parque para estudar um medicamento que cure pacientes com câncer.



72

Acima: Denise é responsável pela comunicação institucional do Parque Tecnológico

Abaixo: Luiz Renato, Giovanni, Lucas e Giovanna



EUREKA!!!

73

Disse ainda que se um dia Giovanna, Giovanni, Luiz e Lucas se tornarem empreendedores no caminho profissional, poderão orientar-se nas empresas incubadoras que também terão seu espaço.

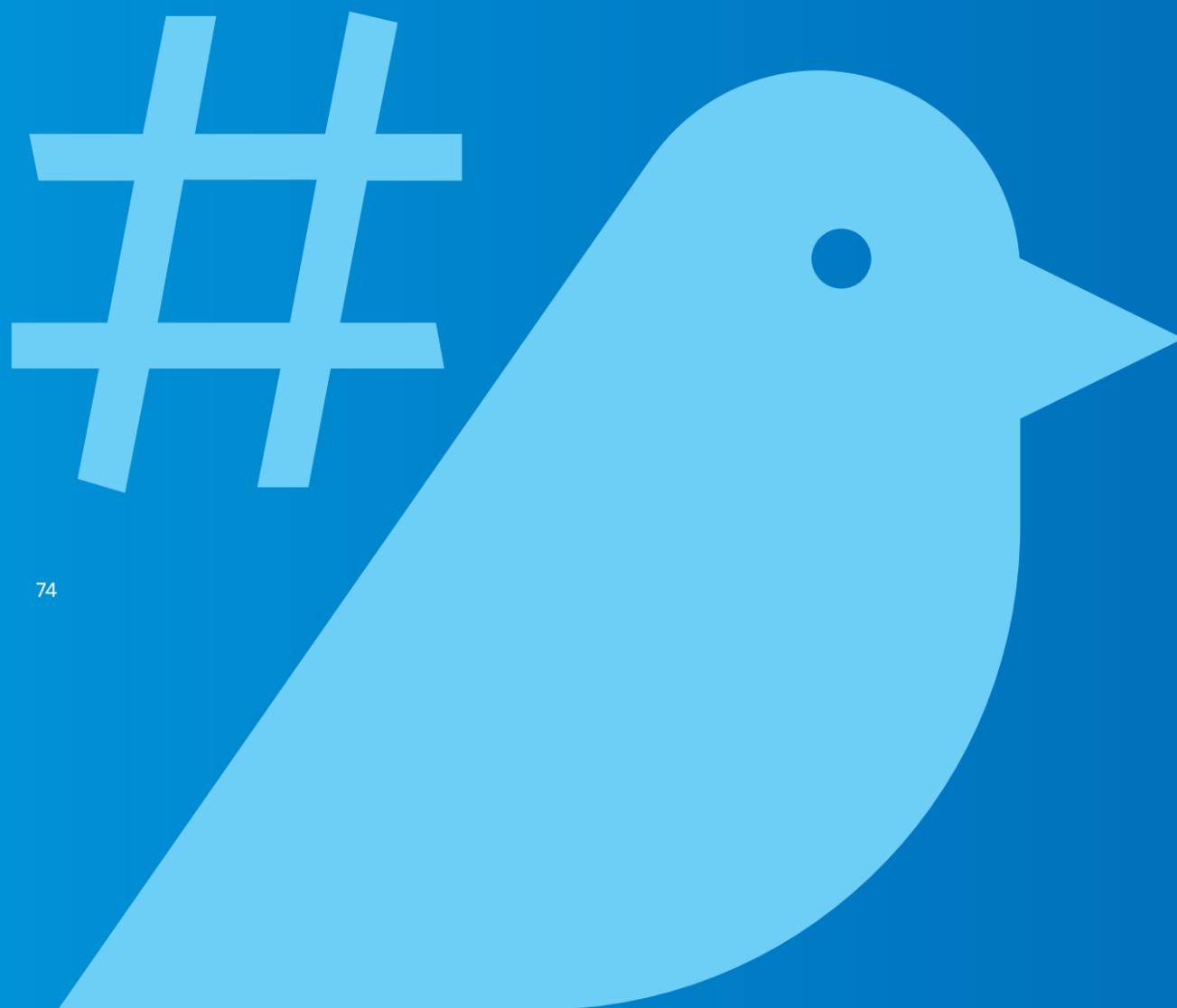
Denise ressaltou a característica de inovação do Parque exemplificando - "o Facebook é novidade? Na verdade não é, ele foi antecedido pelo Orkut. Um modelo de carro cheio de acessórios inéditos também não chega a ser uma inovação tecnológica. Do Parque em Sorocaba deverão sair inovações e não apenas produtos que já existem, mas mais incrementados".

E acrescenta: "o propósito do parque é incentivar as inovações. Em alguns setores, produtos mais incrementados contém inovações, como por exemplo um produto que consuma menos energia, tem dentro dele, um resultado de uma inovação".

O Parque Tecnológico de Sorocaba deverá ter seu prédio totalmente construído até o final de 2013, mas antes disso, ainda este ano, os serviços começam a funcionar. No Brasil há aproximadamente 30 Parques. Há ainda outros parques, mas estão em processo de certificação. Essa certificação dá ao parque o reconhecimento de sua sustentabilidade. No Estado de São Paulo, segundo o Sistema Paulista de Parques Tecnológicos (SPTec), existem 18 Parques Provisoriamente credenciados. Portanto, o ganho para toda a região de Sorocaba é bastante grande.

Na volta da visita ao Parque, não faltou assunto entre os estudantes, admirados com a dimensão do empreendimento, imaginando uma cidade melhor por conta dele e considerando uma possibilidade concreta de cruzarem com os serviços ali instalados daqui a algum tempo. Praticamente, deram uma espiadinha no futuro.





74

*** Marcia Tiburi**
@marciatiburi

Seria má ideia banir os políticos do Twitter e do Facebook?

*** Ricardo Amorim**
@Ricamconsult

Mortes por arma de fogo em um ano:
Austrália:35, Inglaterra e Irlanda:39,
Alemanha:194, Canadá:200, EUA:9.484,
Brasil:35.556. #Acorda_Brasil

*** Marco Gonçalves**
@marco_goncalves

Quando a Apple lançar o aplicativo
iGod será sucesso

*** Frases do Calvin**
@FrasesDoCalvin

Vi anunciar na TV um monte de produtos que eu nem sabia que existia, mas agora eu preciso deles desesperadamente.

*** Leonardo Boff**
@LeonardoBoff

O desmatamento da Amazônia equivale aos três estados do Sul mais 82% de SP. São 754.840 km². 13 mil km² por ano (IBGE). Não amamos a vida.

75

*** Revista Vida Simples**
@vidasimples

A meditação vai nos ajudar a nos descolar da persona, aquele “eu” previsível e amendrotado que pensamos ser.

*** Rosana Hermann**
@rosana

Facebook é supermercado onde vendemos nossas qualidades. Twitter é feira livre, onde trocamos nossas verdades

*** Marcelo Tas**
@MarceloTas

Sua vida está mais complexa ou você só passou para uma fase mais avançada do joguinho?

*** @kibeloco**

#NovasLeisdeMurphy: quanto mais importante a ligação, menos bateria tem seu celular.

*** Raphael Mendes**
@bobagento

“Internet, eu te amo. O que tive com a TV foi algo passageiro.”

*** Caroline Scott**
@emopenguins

I love how awkward Jim Parsons is in real life, would love to meet him

*** John Reed**
@sharpdressed

Friday is my favorite day, Im not just saying that because its the last day of the week, well yes I am! Enjoy your weekend.. Be Lazy..

*** The Goal Control**
@thegoalcontrol

“We are each responsible for our own life - no other person is or even can be.” ~ Oprah Winfrey

*** Iyanla Vanzant**
@IyanlaVanzant

Remain open to being guided, supported and protected by the universe. Open your mind and heart to life.

*** Jane Seymour Fonda**
@Janefonda

The Reps keep saying Obama hasn't fulfilled his promises. Hello! Let us not forget that the Reps blocked him at every turn!

*** Guardian style guide**
@guardianstyle

Time for our Friday quote: “The life of the journalist is poor, nasty, brutish and short. So is his style” Stella Gibbons, Cold Comfort Farm

*** Guardian style guide**
@guardianstyle

POV: point of view. Pov: term coined by Guardian journalist to depict laboured attempts at synonyms by writers seeking “elegant variation”.

E, se aparecer uma pedra no meio do caminho, Josimar retira. De família com poucas condições financeiras, Josimar Barbosa da Silva conta sua história de superação para conseguir se formar em Medicina: “quando olho pra trás, vejo que o principal na vida é termos fé em nós mesmos.”
E você, considera os seus sonhos possíveis?

77

DOS PLANOS DE VENDER LEITE AO ÊXITO DE SER MÉDICO

Sabe aquele lance de uma pedra no meio do caminho? Pois é: havia muitas e muitas pedras no meio do caminho de Josimar Barbosa da Silva, 25 anos. E ainda há, mas, se depender da força de vontade desse jovem, elas não serão empecilhos para que ele alcance o que deseja: ser neurocirurgião.

Essa história começa em Tapejara, uma cidadezinha bem ao norte do Paraná, onde os pais de Josimar criavam algumas vacas para a venda de leite. Uma economia de subsistência. O pai de Josimar tem o segundo grau completo enquanto a mãe estudou somente até a quarta série. “Mas ela sempre leu muito. Principalmente a Bíblia. Tanto que se você conversa com ela, não imagina que ela só tem até a quarta série”, explica o jovem.



Josimar realizou o sonho de estudar Medicina.
Foto: arquivo pessoal.



“Meu pai me enviava, com muito esforço, R\$ 250 e minha avó R\$ 150. Daí também dava aulas particulares para ter mais dinheiro, para conseguir comprar os livros e ter um lugar pra morar e o que comer.”

Além das vacas, os pais de Josimar mantinham um pequeno comércio de roupas usadas e quem cuidava do espaço era esse então adolescente “curioso”, como se autodesigna. “Como o movimento era meio fraco, eu resolvi que iria aproveitar o tempo ocioso para estudar.” Na época, ele e um amigo nutriam o sonho de ir estudar na Inglaterra e depois voltar com dinheiro e comprar algumas cabeças de gado em Tapejara, até então a única cidade que Josimar conhecia. “Se não consegui ir para Inglaterra, pelo menos esse sonho me levou a aprender inglês.”

E foi na lojinha pouco movimentada dos pais que Josimar aprendeu, sozinho, a língua inglesa com livros e fitas emprestados em bibliotecas. “Minha família não tinha dinheiro pra livros. Mas sempre me ajudaram no que puderam.”

A determinação de estudar inglês sensibilizou uma professora da escola de Josimar que o recomendou ao dono de uma escola de idiomas. “Ela me levou lá, era em Cianorte – cidade próxima a Tapejara. Fiz a prova e fiquei na penúltima fase da escola. Só faltava um livro para eu concluir. Daí o dono me deu bolsa. Eu nem acreditava. Foi a primeira vez que vi meu esforço ser valorizado”, fala ainda com grande emoção do acontecido.

Mais tarde, quando estava no 2º série do Ensino Médio, ficou sabendo de um concurso de bolsas para um colégio em Umuarama. Eram 1500 alunos concorrendo e Josimar conquistou o primeiro lu-

gar, conseguindo a tão sonhada bolsa de estudo. “Mas eu não tinha como me manter lá. Lembro que fui para Umuarama com o dinheiro das passagens de ida e volta do ônibus e para fazer as refeições de um dia. Mas minha mãe tinha fé que as portas iam se abrir para mim.” Por lá, Josimar procurou o pessoal da igreja que seus pais frequentam e conseguiu moradia. “Meus pais faziam o maior esforço que conseguiam para me mandar algum dinheiro.” Era um esforço bem grande mesmo: algumas vezes, o pai de Josimar teve de vender uma das vacas para continuar a sustentar o sonho do estudante.

Como o desejo de Josimar não era dos pequenos (o vestibular de medicina é o mais concorrido) não foi na primeira tentativa que as coisas deram certo. A princípio, ele fez as malas e voltou para a pacata Tapejara, onde começou a trabalhar como office boy. Mais tarde, ficou sabendo de outro concurso de bolsa para cursinho, prestou e, mais uma vez, passou. Para se manter no local, trabalhava e estudava. Vendo o empenho do garoto, o diretor da escola resolveu dar uma pequena ajuda financeira para que Josimar pudesse parar de trabalhar e se dedicar somente aos estudos. Em troca, Josimar fazia algumas monitorias com alunos interessados. Foram dois anos de cursinho, até que Josimar conquistou a tão desejada vaga em medicina. “Lembro que o diretor da escola me ligou e falou: então, Josimar, seu sonho vai se tornar realidade: você vai ser

médico.” A mãe e o pai, obviamente, não se cabiam de alegria com o fato do jovem ser o mais novo estudante da Universidade Estadual de Maringá.

É claro que estudar medicina não foi lá muito fácil para um garoto pobre, levando em consideração que a média dos preços dos livros fica em torno de R\$ 500. “Meu pai me enviava, com muito esforço, R\$ 250 e minha avó R\$ 150. Daí também dava aulas particulares para ter mais dinheiro, para conseguir comprar os livros e ter um lugar pra morar e o que comer.”

Agora, faltando poucos meses para terminar o curso de Medicina, Josimar deve começar a se preparar para prestar as provas para garantir uma vaga de residência médica na área desejada: neurocirurgia. “Gostaria muito de fazer residência aí em Sorocaba, na PUC”, conta o jovem. (Se eu fosse uma dessas pedras no meio do caminho, já pediria licença e sairia do meio da trajetória de Josimar).

“Eu fico muito feliz de poder contar essa história numa revista. Pois se minhas palavras inspirarem apenas uma pessoa, eu já me sentirei imensamente feliz. Quando olho pra trás, vejo que o principal na vida é termos fé em nós mesmos.”

Para estudar e conhecer um pouco melhor a faculdade daqui de Sorocaba, Josimar veio, em outubro, para Sorocaba para ficar hospedado por um mês na casa de Maria de Lourdes Valentina Vieira. E é aí que mais uma história bonita e de determinação começa....



A empregada doméstica que formou duas filhas em universidade pública

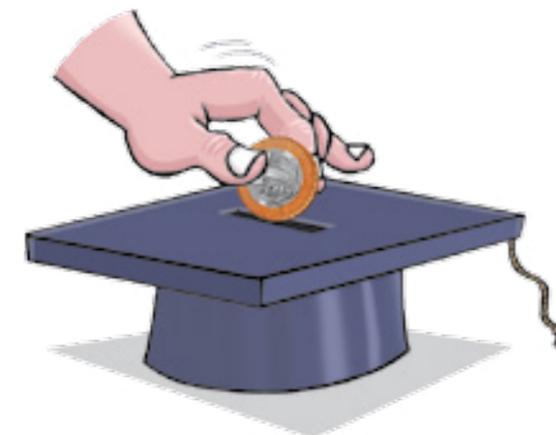
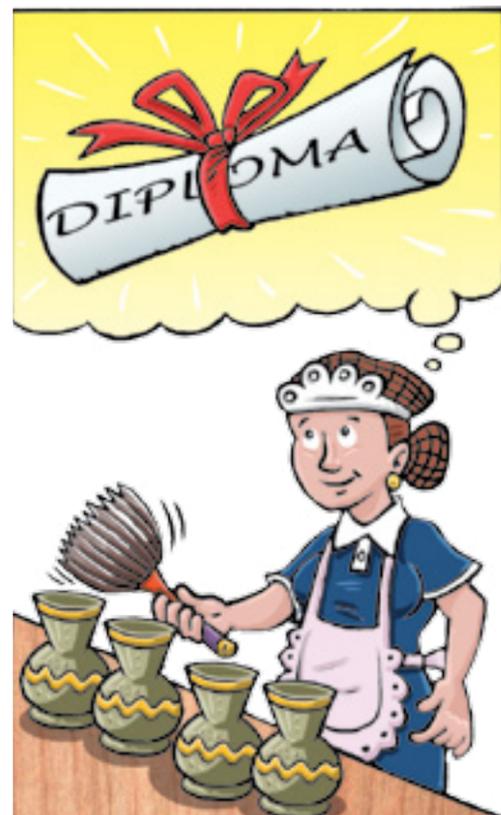
Maria de Lourdes Valentina Vieira, de 49 anos, é a empregada doméstica que se preparou para receber o médico Josimar em sua humilde casa. E foi na residência de Malu, como é conhecida, que outras histórias de muita determinação foram cultivadas com o maior empenho e carinho. Só para o leitor se posicionar, Josimar é namorado de Carolina, filha de Malu. Carolina também é formada para Universidade Estadual de Maringá, onde fez pedagogia.

Assim como os pais de Josimar que não mediram esforços para ajudar os filhos com pequenas suadas – contribuições, Malu, que estudou até a oitava série, não desistiu enquanto não viu as duas filhas formadas. Além de Carolina, Malu também fala com orgulho de Marina, que é formada, pela Unesp, em administração de empresas e, com bolsa, está cursando uma pós-graduação em uma das universidades mais conceituadas do país: a Usp.

Mas para chegarem até onde chegaram, o caminho foi árduo. “Tinha semana em que elas não podiam ir à escola pois eu não tinha dinheiro pra dar pra comprar passe de ônibus”, lamenta Malu, que além de trabalhar fora de casa na época, fazia bolos e tortas para que as meninas pudessem vender e arranjar dinheiro para continuar a estudar. “Eu me esforcei tudo o que pude pois não queria que elas fossem domésticas como eu. Não queria essa vida pra elas.”

Malu não apenas conseguiu a façanha como agora se prepara para dar uma mão para Josimar. “Me considero uma vitoriosa”, diz sem esconder o orgulho pra lá de legítimo.

“Tinha semana em que elas não podiam ir à escola pois eu não tinha dinheiro pra dar pra comprar passe de ônibus”



Classe média investe em educação

Assim como Malu e os pais de Josimar investiram o pouco de dinheiro que podiam para ver seus filhos conquistarem melhores posições na sociedade, pesquisas revelam que grande parte da classe C, a classe média brasileira – que já representa 54% da população – também prima por dar maiores chances a seus filhos nos estudos.

Segundo pesquisa realizada recentemente pelo instituto Data Popular, a classe C gasta mais com serviços do que com produtos. Atualmente, 65% do orçamento de uma família da nova classe média é destinado a serviços, principalmente os relacionados à educação. O economista Geraldo César de Almeida, professor da Facens (Faculdade de Engenharia de Sorocaba) e Faditu (Faculdade de Direito de Itu), diz que a melhoria da qualidade de vida é a principal aspiração desse grupo, que reconhece na qualificação profissional um caminho para essa condição.

Ele cita que uma pesquisa realizada pela empresa Pepsi, sobre o sonho do jovem brasileiro, demonstrou que 55% deles está ligado à sua formação profissional e oportunidade de emprego. “Pesquisas já demonstraram que as pessoas que subiram na escala social têm mais estudo que os seus pais tiveram e almejam uma formação universitária”, afirma.

O sociólogo Rogério Silva, professor da Universidade de Sorocaba, reitera que embora a maior parte dos chefes de família desse novo contingente social não teve a oportunidade de uma formação básica (somente 26% concluíram o ensino fundamental), isso não tem impedido que eles valorizem e priorizem a formação escolar de seus filhos. Aliás, enfatiza ele, dos itens de serviços, a educação encontra-

-se em primeiro lugar no rol de prioridades da nova classe média. “Tanto que 68% dos filhos da classe C estudaram mais que seus pais”, cita.

A rede pública de ensino básico, no entanto, ainda é a que acolhe a grande maioria dos estudantes da classe C. Geraldo Almeida revela que a própria pesquisa do Data Popular aponta que apenas 22,2% desse público estuda em escolas particulares, enquanto 77,8% estão em escolas públicas. “Existe aí um grande potencial e as instituições privadas têm como principal desafio se adaptar para acolher esse público, pois a tendência é que ocorra, nesse primeiro momento, uma migração da classe C para o ensino particular, até que as instituições públicas estejam preparadas para oferecer um ensino de melhor qualidade.”

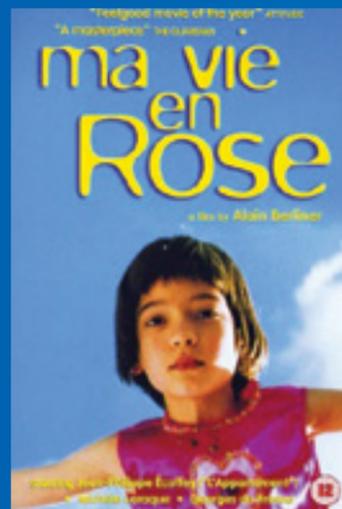
Universidade como alvo

A formação educacional é vista pela classe C como a chave mestra que abrirá as portas do mercado de trabalho, o que tem levado os chefes de família a investirem no estudo dos seus filhos para garantir que eles cheguem à universidade ou, pelo menos, ao ensino técnico. Essa tendência também é confirmada pela pesquisa Data Popular. Enquanto em 2002, 6 milhões dos universitários brasileiros eram da classe média, em 2011 esse contingente saltou para 9 milhões. A estimativa do instituto é de que em 2014 chegue a 11 milhões de universitários. “Muitos desses jovens são os primeiros da família a entrar em uma faculdade e almejam uma vida socioeconômica melhor que a de seus pais e têm consciência de que a formação universitária é uma facilitadora para a entrada no mercado de trabalho”, constata o sociólogo.



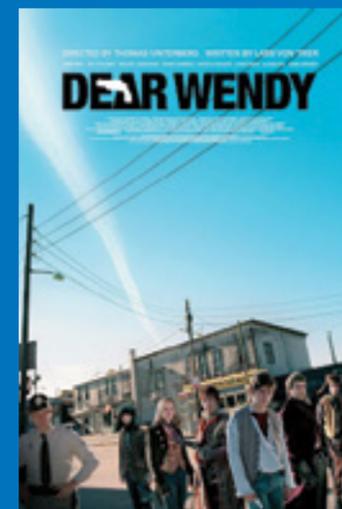
FILMES PARA REPENSAR A EDUCAÇÃO E A VIDA

Talvez a tarefa mais árdua para um cinéfilo seja a de elaborar listas com indicação de filmes, porque isso implica difíceis exclusões. Ao lado, vão dez dicas de filmes, pouco divulgados pela mídia, que permitirão refletir sobre a educação, no seu sentido mais amplo, e o mundo que espera pelos nossos jovens. Rebeldia, consumismo, competitividade no mercado de trabalho, ganância, violência juvenil, o confronto entre a educação familiar e escolar são alguns dos temas que os filmes indicados abordam de maneira inteligente e, sobretudo, propondo questões ao invés de oferecer respostas. As sugestões são do professor do Objetivo Sorocaba, Carlos Alberto Jacomuci.



‘Minha Vida Cor de Rosa’
(Ma Vie en Rose)
Bélgica, 1997
Alain Berliner

Ludovic é uma criança de sete anos que acredita ser um ‘menino-menina’. Não tarda para a vizinhança obtusa destilar toda a sua homofobia contra o garoto e sua família. O tema do preconceito de gênero é tratado neste filme de maneira séria, mas com leveza por conta do encanto que a interpretação do garoto protagonista provoca no espectador.



‘Querida Wendy’
(Dear Wendy)
Dinamarca, 2005
Thomas Vinterberg

Com roteiro do genial Lars Von Triers, o filme gira em torno de um grupo de rapazes que passam a cultivar armas de fogo em um clube criado por eles. Uma crítica à cultura belicista norte-americana e ao uso da violência como forma de afirmação de jovens nas sociedades ocidentais.



‘A felicidade não se compra’
(It's a Wonderful Life)
EUA, 1946
Frank Capra

George, um homem que sempre ajudou a todos, pensa em suicidar-se na noite de Natal por conta das maquinações do perverso magnata Potter que domina a região. Uma das maiores obras-primas do cinema, este filme tem como tema a ganância desenfreada que acaba por destruir relações pessoais e as próprias pessoas. Ótimo filme para refletirmos sobre nossas relações pessoais.



‘O Corte’
(Le Couperet)
França, 2005
Costa-Gavras

Comédia de humor negro em que o consagrado diretor Costa-Gavras nos leva a refletir sobre a competitividade no mercado de trabalho. Um competente engenheiro desempregado passa a eliminar fisicamente os seus potenciais concorrentes para conseguir uma colocação no mercado.



‘A Culpa é de Fidel’
(La faute à Fidel)
França, 2006
Julie Gavras

Anna, de 9 anos, estuda em uma escola católica e adora as histórias da mitologia grega contadas pela babá; os pais são militantes comunistas e os avós são conservadores e simpatizantes do franquismo. Uma criança que cresce no meio de um turbilhão ideológico que a faz enxergar o mundo de forma muito peculiar. Um filme que nos faz lembrar que as crianças pensam.



‘A língua das mariposas’
(La Lengua de las Mariposas)
Espanha, 1999
José Luis Cuerda

Na Espanha da década de 1930, Mocho é um garoto de 7 anos que, como uma plantinha, é ‘cultivado’ pelo velho mestre Don Gregório nos preceitos da liberdade e da solidariedade. O confronto entre os ensinamentos do mestre e a realidade de covardia, hipocrisia e prepotência, marcas do fascismo que se avizinhava, provocam um desfecho contundente em que até as pedras se emocionariam. Filme inesquecível.



‘O Homem Incomodado’
(Den Brysomme Mannen)
2006, Noruega
Jens Lien

Sem saber como chegou lá, Andreas passa a viver em uma sociedade perfeita, em que todas as suas necessidades são atendidas e as pessoas são extremamente gentis. Tudo estaria bem não fosse por um detalhe: não há sentimentos, emoções, prazeres. Um filme perturbador que nos faz refletir sobre a nossa sociedade onde o consumir é sinônimo de ser feliz.



‘As melhores coisas do mundo’
Laís bodansky

Laís Bodansky vem mostrando grande habilidade para tratar de temas envolvendo jovens, desde o grande sucesso de público e crítica de ‘O Bicho de Sete Cabeças’. Neste novo filme, a cineasta trata de um grupo de adolescentes da classe média paulistana e seus conflitos envolvendo a sexualidade, a invasão de privacidade, o ‘bullying’ e tantos outros problemas que, no final das contas, os tornarão adultos.



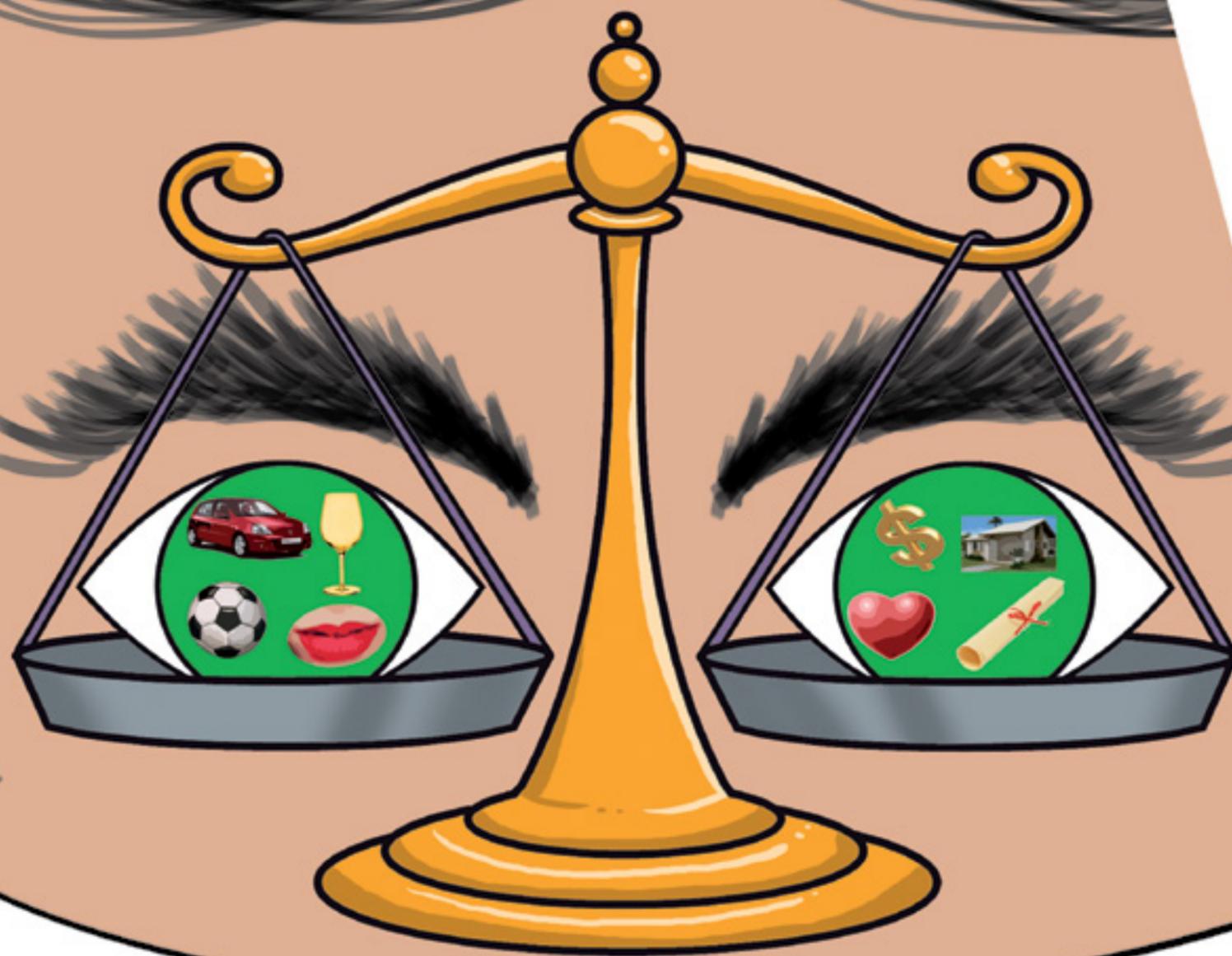
‘A Guerra dos Botões’
(La Guerre des Boutons)
1962, França
Yves Robert

Em uma pequena cidade francesa, garotos de bairros vizinhos travam constantes batalhas com estilingues e pedras. Uma metáfora do mundo dos adultos, uma ode ao pacifismo em um filme que mostra uma infância que não existe mais, pura nostalgia. Os ‘remakes’ de 1994 e 2011, apesar de baseados no mesmo livro de Louis Pergaud, não provocam o mesmo encantamento do clássico de 1962, uma verdadeira obra-prima.



‘Pequenas Flores Vermelhas’
(Kan Shang Qu Hen Mei) 2006, China,
Zhang Yuan

Na China maoísta, o pequeno Qiang, de 4 anos, tem dificuldades em adaptar-se à rígida disciplina escolar e, por isso, nunca ganha as pequenas flores vermelhas destinadas aos alunos bem-comportados. O garoto rebelde e convence os amigos de que a professora, na verdade, é um monstro. Um filme divertido sobre como a rebeldia infantil pode manifestar-se como resistência à opressão.



ATENÇÃO: "VOCÊ
É Ó QUE VOCÊ
COMPARTILHA"

Quantas horas você usa por dia no Facebook, Twitter, Instagram? Que ganhos ou perdas isso traz para você? Você sabe usar as redes sociais a seu favor? Gil Giardelli, um dos maiores especialistas do *mundo.com*, aponta que ainda falta maturidade no uso das redes sociais

O uso que se faz das redes sociais no mundo todo ainda está no estágio da infância. Essa é a colocação de Gil Giardelli, um dos maiores especialistas brasileiros do *mundo.com*. "A maior parte das pessoas ainda não percebeu que as redes sociais são coisa séria. Não é só um lugar para postar coisas bonitinhas e fotos. As redes sociais representam a possibilidade de uma nova forma de fazer política, de se pensar em educação, de empreendedorismo, de transformação social...", ressalta Gil Giardelli, que é, entre muitas outras coisas, professor na ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing) e CEO (Chief Executive Officer) da Gaia Creative, empresa de inteligência de mídias sociais e inovação.

E se pensarmos que, segundo pesquisas divulgadas em maio, o Brasil ocupa o 2º lugar em número de usuários do Facebook (os EUA lideram disparados esse ranking), fica ainda mais claro que os brasileiros têm uma poderosa ferramenta nas mãos, mas a maioria não sabe muito bem como utilizá-la e perde tempo com postagens inócuas do ponto de vista de transformação social.

Enquanto alguns só postam as fotos bonitinhas do último final de semana e compartilham mensagens clichês (que normalmente vêm anexadas a imagens não menos clichês) tem gente empreendendo verdadeiras revoluções – das pequenas ou das graúdas - dentro dessa aldeia global digital.

Giardelli cita como exemplo a revolta do pão de queijo no colégio Arquidiocesano de São Paulo. Os adolescentes, indignados com o preço do quitute na cantina – empreenderam uma pequena revolução através das redes sociais (por um dia, o tópico foi um dos mais comentados na internet) e que ganhou destaque na mídia. Os posts pediam boicote à cantina e que no dia da "revolta" todos trouxessem lanches de casa. "Esses garotos tem 11, 12, 13 anos. E daqui a 20 anos, quais serão as revoluções que eles estarão fazendo?", destaca Giardelli.

E para os que ainda insistem em banalizar o poder das redes sociais, que tal pensar na Primavera Árabe? A onda revolucionária despertada no mundo árabe está diretamente ligada às redes sociais que se transformaram em verdadeiros palanques para os protestos, que ganharam força no mundo virtual e depois invadiram as ruas do mundo real. Não por acaso a revista “Time” elegeu como personalidade do ano de 2011 o “manifestante”. (Detalhe revelante: em 2010, a mesma “Time” distinguiu o fundador do Facebook, Mark Zuckerberg).

Por isso, caros usuários da internet, prestem bem atenção ao que adverte Giardelli: “Você é o que você compartilha”. “Cada vez que você tuíta, você bloga ou coloca algo no Facebook, você está contribuindo para essa grande mente digital”. Basta agora fazer a análise crítica e madura, e não infantil, sobre a qualidade dessa sua contribuição.



Webcidadania: a internet a serviço da gentileza

Se essa pequena reportagem com Gil Giardelli fez você repensar sobre como anda utilizando as redes sociais, acesse www.arcadegentileza.com.br, site com curadoria de Giardelli, e conheça alguns projetos interessantes de webcidadania para se engajar e contribuir. “Não é à toa que a internet foi indicada, em 2010, ao Prêmio Nobel da Paz”, aponta Giardelli no vídeo de apresentação do site.

A ideia do site é, por meio de processos de compartilhamento, permitir que pessoas inspirem outras pessoas a mudarem o mundo com suas ações.

No site, as pessoas são convidadas a enviar textos inspiradores, fotos de boas ações e vídeos que falem do poder transformador de agir com gentileza.

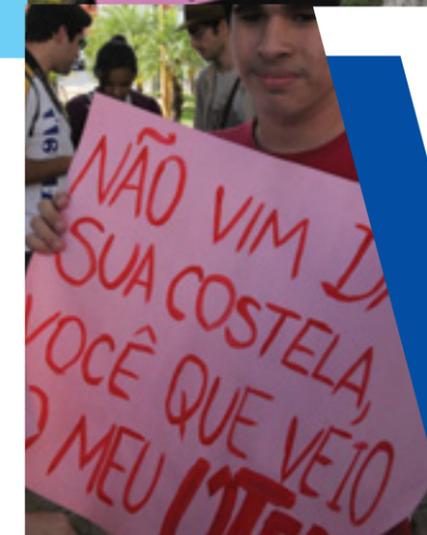
“Agora, virou moda reclamar”

Míriam Manetta Algarra, de 16 anos, conta como foi organizar a Marcha das Vadias em Sorocaba.

Pessoas que postam aos montes aquelas mensagens cheias de letrinhas coloridas e com textos “bobinhos” entram para a lista dos bloqueados do Facebook de Míriam Manetta Algarra, de 16 anos. A garota, que sabe o potencial da rede social, não quer perder tempo com besteiras dessa natureza. “Acho que só uma pequena parcela sabe fazer um bom uso da rede social. Mas isso está mudando. As pessoas não sabem muito bem o que é postar algo legal, que seja interessante, mas também já perceberam que não é legal colocar coisas do tipo: vou ao banheiro e já volto”, ironiza a garota.

E ela tem mesmo propriedade para falar sobre utilizar a rede social de maneira interessante e que possa agregar para a sociedade.

Míriam foi uma das organizadoras da Marcha das Vadias em Sorocaba, que ocorreu em maio deste ano. “Toda a organização foi feita pela internet. Usamos o Facebook e também postei no meu blog. E as pessoas foram compartilhando.”



E de compartilhamento em compartilhamento, o movimento reuniu cerca de 160 pessoas nas ruas da cidade e também rendeu matérias em grandes veículos de comunicação. O objetivo dos que estavam na manifestação era lutar contra o machismo, os preconceitos contra as mulheres e a violência sexual. A marcha ocorreu em várias cidades do mundo e foi uma reação à colocação pra lá de infeliz de um policial em Toronto, Canadá, que aconselhou às mulheres não usarem roupas de “vadias” para evitar serem vítimas de abusos sexuais. “Eu não esperava que fossem tantas pessoas assim para as ruas. Me surpreendi. Ainda mais em uma cidade como Sorocaba, em que as pessoas não gostam de se expor. Sorocaba é uma cidade conservadora”, opina.

A garota, que estuda a 2ª série do Ensino Médio do Objetivo Sorocaba, conta que até hoje tem que administrar comentários e repercussões do movimento ocorrido em maio. “No começo, enfrentamos muita resistência até pelo nome do movimento. Mas com muito debate conseguimos mostrar nossas ideias”, comenta Míriam, que teve todo o apoio dos pais (inclusive o pai, que é especialista em redes sociais, filmou a manifestação e colocou no youtube). “Até a minha vó entendeu depois de alguns esclarecimentos”, acrescenta a garota, que ainda tem esperança de que os jovens comecem a utilizar a rede com mais discernimento. “Agora, virou moda reclamar. Mesmo que seja uma questão de moda, já é alguma coisa pois as pessoas estão começando a repensar seu papel na sociedade. Estão ficando mais conscientes”, acredita a garota.

CYBERBULLYING CRESCCE PORQUE TEM ESPECTADORES

Você pode pensar que está completamente fora desse assunto que tem sido tão discutido: o bullying (e o cyberbullying).

Mas a questão inclui agressor, vítima e espectadores.

Você já esteve em algum desses papéis?

A revista Y conversou sobre o tema com Monica Mumme, coordenadora do Núcleo de Educação para a Paz do Cecip (Centro de Criação de Imagem Popular) do Rio de Janeiro.



O que revela o cyberbullying sobre quem o pratica? Na visão da Educação para a Paz, quem é o agressor e quem é a vítima?

Entendo que qualquer prática violenta revela algo que não está bem, portanto, pode ser vista como uma oportunidade de transformação daquilo que não pode mais continuar da mesma forma. Se soubermos o que ocorre com cada um no que se refere à convivência no âmbito da escola, os lugares definidos como vítima e agressor se confundem.

Bullying, seja presencial ou virtual, envolve alguns atores que estão direta e indiretamente na cena, nos colocando diante de um grande desafio – quem é o quê. Tenho explicado o bullying da seguinte forma: quando uma pessoa e/ou grupos eleger(m) outra para cometer um ato violento, utilizando a repetição para salientar uma característica física ou emocional, que, a priori, fragiliza o receptor da violência.

Neste ato contínuo, o(s) agressor(es) conta(m) com a participação de um grupo de espectadores. Pouco se fala deles. No entanto, se não estivessem presentes, a situação não se configuraria como bullying e, sim, como uma questão relacional.

Esta dinâmica revela os formatos de convivência, não apenas do agressor e da vítima:

- Mostram uma dificuldade pessoal e que se expressa nas relações.
- Só se repete porque há espectadores.
- Agressor e vítima precisam de apoio para ressignificar suas formas de estar consigo e com o outro.

Entre o bullying “presencial”, vamos dizer, e o cyberbullying, é possível distinguir em qual deles tem ocorrido maior violência?

Acredito que o cyberbullying começa no convívio presencial. Penso que as redes sociais acabam por ser um lugar para se expressar mais facilmente os sentimentos, por mais estranho que isto pareça. Tem que ter coragem para falar o que sente e pensa diante do outro.

Como os pais podem ser vigilantes a esse respeito? É “pior” ser pai da vítima ou do agressor?

Os pais têm um papel fundamental na formação dos filhos, para que possam transitar no mundo virtual.

É necessário que tenham com eles uma conversa aberta sobre riscos e possibilidades das redes sociais. Um ponto a ser abordado tem a ver com o fato de expressarmos ali quem somos. É um “espelho” de nossa forma de ver o mundo, perceber as situações e comunicarmos o que queremos e pensamos.

Tanto o pai da vítima como do agressor têm desafios importantes. O pai da vítima, em poder ajudar seu filho a buscar outras maneiras para lidar com o conflito e a violência. Ajudá-lo na construção dos recursos necessários para se posicionar de outra forma. O pai do agressor, em colocar um limite claro sobre este tipo de comportamento e, ao mesmo tempo, buscar compreender quais são as questões que estão no cerne deste comportamento.

Os dois precisam ter disponibilidade e atenção para ajudar na interrupção desta dinâmica que se estabeleceu por responsabilidade de todos.



Como a escola pode educar para que o cyberbullying perca a força mesmo diante da evolução crescente do uso da tecnologia?

96

É impressionante a quantidade de acessos que existem no youtube aos vídeos que apresentam violência praticada nas escolas. É triste perceber que os vídeos que tratam de cultura da paz e assuntos correlacionados têm um número reduzidíssimo de acessos.

A pergunta é: de que forma a escola pode incentivar que as TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) entrem como conteúdo pedagógico?

A escola, por ser na sua essência um espaço de formação de cidadãos que possam interagir no mundo, integrá-lo e transformá-lo, deveria estar convidando os jovens a ocuparem as redes sociais de maneira propositiva, consciente, justa e criativa.

Usar como ferramenta de produção de conhecimento as tecnologias atualizaria a prática pedagógica e estimularia que um olhar mais humano fosse produzido, ao invés de formas violentas de comunicação.

Como solucionar um caso de bullying?

Os casos são solucionados com o diálogo que envolve necessariamente a família, a escola e os envolvidos. Normalmente, busca-se uma solução em que a partir de um acordo, se tenha uma nova postagem ou imagem, possibilitando que as relações sejam restauradas também no espaço virtual.

Mas vale ressaltar que isto se dá como fruto de uma resolução presencial, de resgate da dignidade e da convivência.

Um ponto importante é ampliar o olhar sobre os envolvidos. Normalmente se fala só da vítima e agressor. Mas existem os espectadores. Estes podem ser convidados a refletirem sobre sua postura de observadores da violência. Eles não estão sendo passivos. Pelo contrário, por estarem assistindo e alimentando esta dinâmica são tão atuantes como os demais.

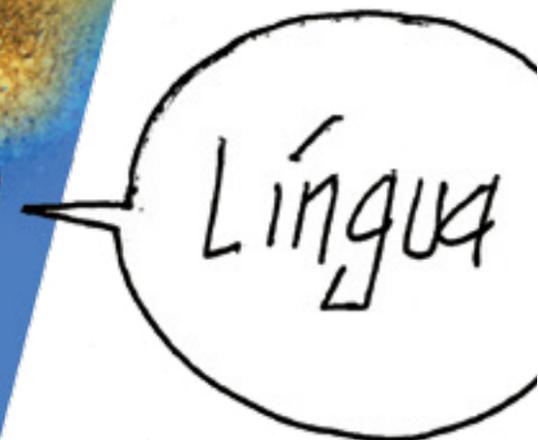
Penso que a escola pode trabalhar este aspecto e, a partir de uma reflexão sobre a responsabilidade de cada um na construção coletiva da convivência, estabelecer parâmetros e referências para uma cultura pautada na responsabilidade.



Os desafios iniciais de uma educação bilíngue trazem recompensas incontestáveis tanto no futuro profissional como nas relações pessoais. Quanto mais cedo isso acontecer, melhor. Ao mesmo tempo, nunca é tarde.

COM QUE LÍNGUA EU VOU

98



Qual é a sua língua? Essa questão que à primeira vista tem como resposta uma única definição, já não se mantém tão direta assim em tempos de globalização. A linguagem é, sem dúvida, a demonstração mais clara do processo de miscigenação de culturas e sinais que caminha junto com a integração econômica entre os países.

A prova mais clara desse processo da globalização da linguagem está na tecnologia e na Internet, que adotam um padrão de linguagem compreendido mundo afora e ainda mais difundido hoje, com o advento das redes sociais. Os termos, expressões, aplicativos e todos os códigos do mundo virtual são praticamente os mesmos nos diferentes países, embora o inglês possa ser apontado como o mais próximo da língua oficial da comunicação tecnológica.

A essas inúmeras possibilidades de comunicação, soma-se a necessidade latente de que o novo profissional que se estabelece no mercado de trabalho esteja pronto para atuar nesse mundo globalizado, onde a pluralidade cultural e linguística é parte inerente deste cenário. O que, tempos atrás, era considerado um diferencial passou a ser um padrão indispensável tanto nas relações profissionais, como também nas pessoais.

A pedagoga e mestre em Linguagem e Educação pela Universidade de São Paulo (USP), Selma Moura, pesquisadora do programa de doutorado em Linguística Aplicada no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, reconhece que o aumento do interesse pela aprendizagem de línguas tem como principais propulsores a globalização, as novas tecnologias e a competitividade no mercado de trabalho.

Ela afirma, no entanto, que o bilinguismo, entendido como o uso alternado de duas línguas, sempre esteve presente na história do Brasil, já que o país foi formado por muitos povos nativos e imigrantes. “A diferença é que nas duas últimas décadas temos começado a redescobrir nossa pluralidade cultural e linguística e começamos a respeitar o direito de surdos e povos indígenas a serem educados em suas línguas”.

Mas os desafios para a difusão do bilinguismo do país, especialmente nas redes de ensino são muitos. “Há ainda muito a ser feito para que possamos dar a todos os alunos maior acesso às línguas em seu repertório”.



“A diferença é que nas duas últimas décadas temos começado a redescobrir nossa pluralidade cultural e linguística e começamos a respeitar o direito de surdos e povos indígenas a serem educados em suas línguas”

Quanto mais cedo, melhor

Um fato, certamente, é unânime entre os especialistas na área: quanto mais cedo a criança tiver contato com a segunda língua, mais fácil será sua absorção e seu aprendizado. A fonoaudióloga Ana Paula Bautzer, da Clínica de Especialidades Integrada, de São Paulo, afirma que quanto mais precocemente a segunda língua for aprendida melhor será a pronúncia e a distinção dos sons. Por isso, explica ela, expor a criança ao aprendizado de dois idiomas desde cedo é mais fácil devido a sua plasticidade cerebral.

Embora o cérebro tenha uma grande capacidade de adaptação em poder aprender qualquer idioma desde que lhe seja apresentado, a fonoaudióloga alerta que quanto mais tarde for o aprendizado de uma segunda língua mais difícil será, tanto que se comparar o aprendizado de um adulto ao de uma criança, a criança aprenderá estrutura, gramática e regras, mais facilmente que um adulto.

O que mais desperta insegurança nos pais no que se refere à iniciação da segunda língua logo no começo da infância é a mistura de palavras que

a criança costuma fazer durante esse processo de aprendizagem dos idiomas. A fonoaudióloga garante que é absolutamente normal que a criança misture em uma mesma frase os dois idiomas e isso não quer dizer que um determinado idioma é mais fácil de aprender. “Um pouco mais tarde a criança diferenciará qual a sua língua nativa e com quem usar cada vocabulário”.

Segundo Selma Moura, que dispõe de larga experiência em escolas bilíngues como professora, coordenadora pedagógica e consultora, essa mistura de idiomas vai diminuindo conforme o repertório das crianças vai aumentando e elas percebem que são dois sistemas diferentes de comunicação. “Isso não deve ser visto como um problema, nem preocupar os pais, pelo contrário. Além de ser normal, mostra que a criança está aprendendo”, enfatiza.

Ela orienta ainda que o aprendizado dos idiomas deve ser tratado com naturalidade pelos pais, sem dar muita ênfase, corrigir ou pedir para que ela se “exiba” aos outros. A pedagoga afirma que o mais valorizado neste processo deve ser a comunicação, estimulando a naturalidade do uso da língua.

Metodologia é fundamental

A pesquisadora em linguística, Selma Moura, reforça que todos os seres humanos são capazes de aprender outras línguas, desde que sejam garantidas as condições para um aprendizado significativo. Ela alerta, no entanto, que aprender línguas leva tempo, por isso não adianta esperar resultados imediatos ou que em pouco tempo a fluência apareça. “É preciso pensar por quanto tempo se está disposto a investir neste aprendizado. Não adianta forçar, como se fosse uma obrigação. Dar tempo ao tempo, acreditar no aprendizado e apoiá-lo, criando situações para que essas línguas façam sentido, seja por meio de músicas, filmes e jogos, é o que mais ajuda a conseguir esses objetivos”, orienta.

A fonoaudióloga Ana Paula Bautzer cita também que um estudo realizado com a língua alemã confirma que o ensino de uma segunda língua através de brincadeiras e músicas facilita a criança na compreensão das estruturas das frases, facilitando o seu aprendizado. Outro fator importante, orienta ela, é a participação dos pais durante o aprendizado. Ana Paula pondera, no entanto, que tal dica só é válida quando os pais dominam o outro idioma, pois pronúncias erradas podem confundir e até atrapalhar o desenvolvimento do pequeno.

Selma Moura alerta que as próprias escolas devem estar atentas às diferenças individuais das crianças para que cada um aprenda a seu modo. Ela destaca que é importante que as línguas sejam apresentadas de forma contextualizada na vida dos alunos e que os professores envolvidos tenham formação específica para atuar na educação infantil e no ensino fundamental, além de proficiência nas línguas ensinadas e disponham de uma carga horária aumentada para dar conta de uma exposição consistente à língua.

Além da adoção de um aprendizado bilíngue, em que o estudo se direciona propriamente à língua, ou seja, o vocabulário, a gramática e a pronúncia, Selma diz que algumas instituições optam pela adoção do método mais clássico de educação bilíngue, em que o estudo de outras disciplinas, como a matemática, a ciência ou artes é feito por meio de uma segunda língua. “Essa opção, por oferecer mais desafios, também apresenta mais benefícios aos alunos, que aprendem conteúdos escolares e as línguas, de modo mais contextualizado e útil para suas vidas”.



Benefícios para o futuro

Os desafios iniciais de uma educação bilíngue trazem recompensas incontestáveis tanto no futuro profissional como nas relações pessoais desses pequenos futuros cidadãos. Além de compreenderem melhor sua própria língua, Selma Moura afirma que as crianças antecipam alguns aspectos cognitivos - memória, letramento - além de terem maior facilidade de aprenderem uma terceira língua.

Ao terem contato com um vocabulário e estruturas linguísticas mais variadas, as crianças conseguem fazer mais reflexões metalinguísticas e ainda desenvolvem uma atenção seletiva e maior sensibilidade comunicativa, a partir de uma flexibilidade cultural e linguística. “É lindo ver como as crianças bilíngues constroem seu vocabulário linguístico lançando mão de todo o seu potencial e fazendo construções criativas que mostram como pensam ativamente sobre as línguas que compõem esse vocabulário”, afirma.

Governo apóia graduação no Exterior

Recentemente, foi tema na *Folha de São Paulo* o fato de que grande parte dos melhores universitários brasileiros tem inglês precário. Isso faz com que tenham receio de disputar bolsas de estudo em instituições de ponta dos Estados Unidos e do Reino Unido. A partir disso, o governo decidiu criar um teste nacional de inglês para até 100 mil universitários e cursos de reforço no idioma aos que necessitarem.

O problema ficou claro na seleção de universitários a serem financiados no exterior pela União no programa Ciência Sem Fronteiras.

No processo deste ano, as universidades portuguesas e espanholas foram as que mais atraíram candidatos, à frente das escolas dos Estados Unidos e do Reino Unido, justamente por conta da dificuldade com o inglês.

O bolsista deve estar entre os com melhores notas no Enem (exame do ensino médio) e comprovar conhecimento da língua estrangeira.

EXAMES DE PROFICIÊNCIA ATESTAM HABILIDADE NOS IDIOMAS

104

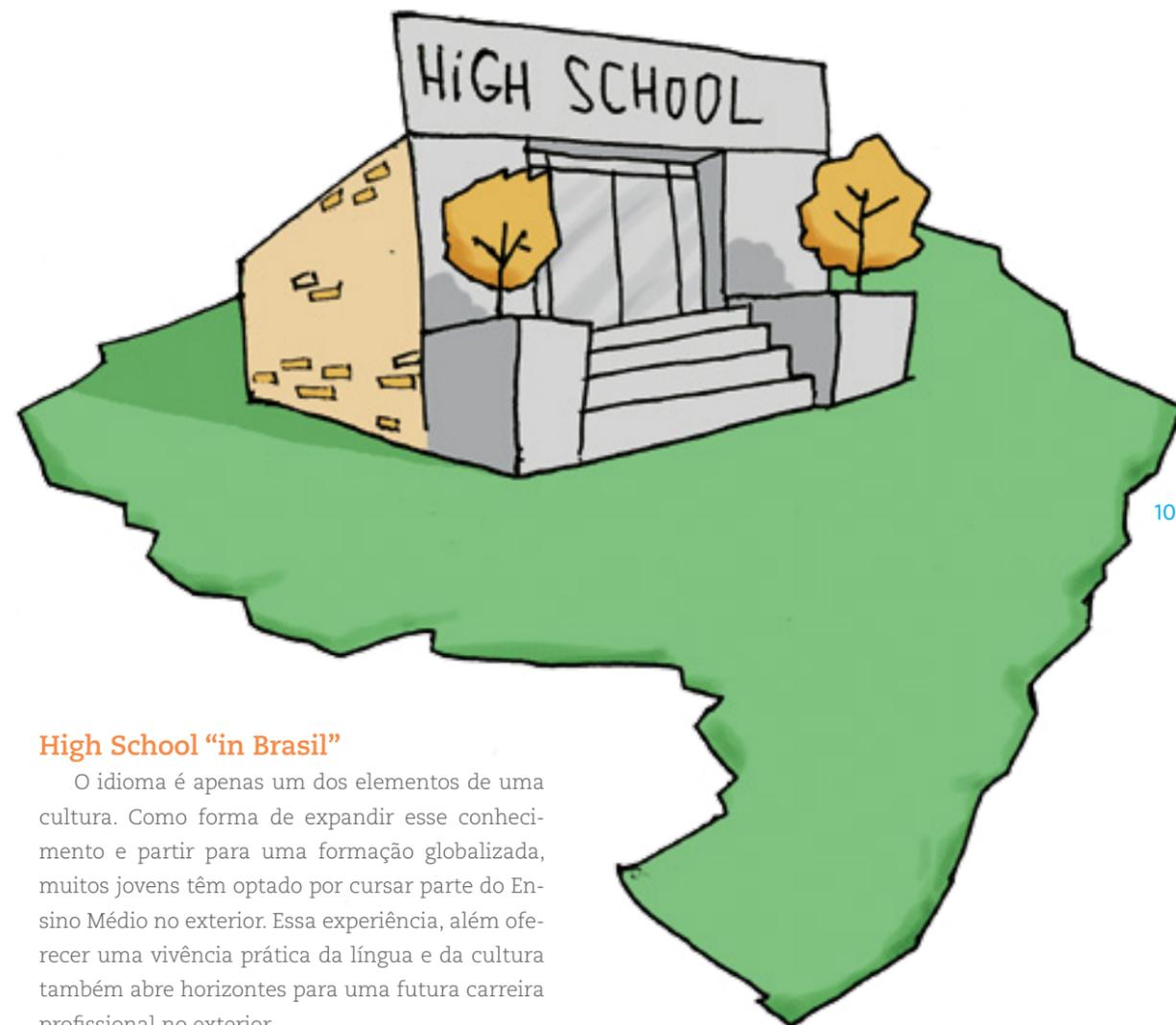
Não basta saber, é preciso ter o seu conhecimento certificado. Essa regra que rege todas as áreas de formação técnica e profissional é válida também quando o assunto é idiomas. Os exames de proficiência são a chave para quem quer abrir caminhos, seja no mundo acadêmico quanto profissional, a partir do domínio do segundo idioma.

E não é preciso esperar até que todo o processo de aprendizado seja concluído para obter esse reconhecimento. Existem exames voltados para diferentes idades e níveis de conhecimento. A coordenadora do Centro de Línguas do Objetivo Sorocaba, Elide Martins Rodrigues, diz que o exame de proficiência é uma ferramenta importante que comprova a capacidade e habilidade do aluno com a língua estrangeira e um demonstrativo prático do quanto valeu o investimento da família para o estudo do segundo idioma. “Todo e qualquer exame de proficiência de uma instituição reconhecida mundialmente pode encurtar a admissão do aluno em escolas bilíngues, High School, universidades e também no mercado de trabalho”, enfatiza.

Ciente da importância desse processo de certificação, o Objetivo Sorocaba mantém uma sólida parceria com a Cambridge Esol, órgão autorizado pela Universidade de Cambridge no Brasil, para a aplicação do exame de proficiência em inglês, tanto para os alunos como para a comunidade. A escola também conquistou o status de Preparation Center, que a habilita a fazer a preparação de alunos para a realização do exame, no programa Trends, dirigido às crianças com idade a partir de 11 anos.

Na língua espanhola, o exame de proficiência é realizado por meio de uma parceira com o Instituto Cervantes, que é o órgão oficial neste idioma. Os estudantes do Ensino Fundamental II também podem se preparar para o exame, por meio do programa Globalizate.

O resultado desse trabalho pode ser comprovado no índice de aprovação dos estudantes. De acordo com Elide Rodrigues, tanto no inglês como no espanhol, 90% dos alunos que realizam os exames de proficiência obtêm a certificação.



105

High School “in Brasil”

O idioma é apenas um dos elementos de uma cultura. Como forma de expandir esse conhecimento e partir para uma formação globalizada, muitos jovens têm optado por cursar parte do Ensino Médio no exterior. Essa experiência, além oferecer uma vivência prática da língua e da cultura também abre horizontes para uma futura carreira profissional no exterior.

A questão é que nem sempre os pais se sentem confortáveis em deixar que os filhos vivam por longos períodos fora do Brasil. Mas, ao mesmo tempo, sentem a necessidade de oferecer um conhecimento que proporcione esse contato com a cultura de outro país, além de uma formação reconhecida pelas instituições estrangeiras. Foi para suprir essa demanda, que o Objetivo Sorocaba implantou neste ano o High School.

Elide, coordenadora do Centro de Línguas, explica que o programa permite que os alunos a partir da 8ª série/9º ano cursem, no período extra curricular, disciplinas do ensino médio americano. Assim, ao finalizar o 2ª série do Ensino Médio, eles já poderão ter concluído toda grade curricular americana e receber a certificação.

Para a elaboração e aplicação do conteúdo pedagógico, foi firmada uma parceria com a Andrews University e a Griggs Academy, instituições de ensino americanas, que garante todo o subsídio e suporte técnico para a equipe local. Como complementação à vivência cultural, os alunos também participam de viagens para realização de cursos oferecidos na universidade durante os meses de julho, o que permite que eles tenham contato com os hábitos do país, como também com estudantes americanos e de outras nacionalidades. “Desta forma, proporcionamos aos alunos a oportunidade de ter dupla diplomação e vivenciar a cultura sem que tenham que se ausentar do país por longos períodos”, afirma.



MONTICRISTO/ISTOCK

Seus sonhos são o nosso futuro

No Objetivo Sorocaba renovamos diariamente o compromisso com a formação integral de cada aluno, unindo metodologia de aprendizado aos aspectos de cultura e esporte, explorando novas linguagens e enfatizando o protagonismo de cada jovem a frente dos seus sonhos.

Conte conosco, e faça parte da geração que está mudando o mundo.

 **OBJETIVO** futuro sem limites
SOROCABA

F. 15 3332.9900
www.objetivosorocaba.com.br

Você sabe para que aprendeu tudo o que sabe? Para questionar o mundo.

Hoje, os desafios são grandes. O mundo exige que você o questione, que o interprete, transite pelas várias áreas do conhecimento e se torne o autor e protagonista de seus ideais.

No fim das contas, neste universo de informações, aquilo que você verdadeiramente sabe é o que construirá o seu futuro.

Conheça a revolução do Objetivo Next, um ensino médio como você jamais imaginou.

Agende uma visita, e prepare-se para a revolução.

 **OBJETIVO** next
SOROCABA futuro sem limites

F. 15 3332.9900
www.objetivosorocaba.com.br